

ALESSANDRA MARIA CARDOSO DA SILVA

CONCEPÇÕES DE MASCULINIDADES EM UM GRUPO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS



ARARAQUARA – S.P.
2021

ALESSANDRA MARIA CARDOSO DA SILVA

CONCEPÇÕES DE MASCULINIDADES EM UM GRUPO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual. Exemplar apresentado para exame de defesa.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientador: Prof^a Dr^a Cláudia Dias Prioste

ARARAQUARA – S.P.
2021

S586c Silva, Alessandra Maria Cardoso da
Concepções de masculinidades em um grupo de jovens
universitários / Alessandra Maria Cardoso da Silva. -- Araraquara,
2021
96 f.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual
Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Cláudia Dias Prioste

1. Masculinidade. 2. Psicanálise e cultura. 3. Sexo. 4. Identidade
(Psicologia). 5. Ensino superior. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ALESSANDRA MARIA CARDOSO DA SILVA

CONCEPÇÕES DE MASCULINIDADES EM UM GRUPO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS

Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras–Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual. Exemplar apresentado para exame de defesa.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.
Orientador: Prof^a Dr^a Cláudia Dias Prioste

Data da defesa: 27/08/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Cláudia Dias Prioste – Doutora

Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciência e Letras, UNESP – Campus de Araraquara.

Membro Titular: Paulo Rennes Marçal Ribeiro - Doutor

Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciência e Letras, UNESP – Campus de Araraquara.

Membro 1º Suplente: Andreza Marques de Castro Leão

Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciência e Letras, UNESP – Campus de Araraquara.

Membro Titular: Jéssica de Sousa Villela – Doutora

Universidade de São Paulo – USP.

Membro 2º Suplente: Maria Ângela Favero Nunes

Universidade de São Paulo – USP.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

À minha mãe Ana Rosa e tia Maria José, que carregam “graça” no nome e me
nutriram do ímpeto da coragem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente aquelas e aqueles que fizeram parte de toda minha trajetória acadêmica e pessoal, em especial:

À minha orientadora Cláudia Dias Prioste, seu apoio transcende a universidade e suas durezas. Sou grata por todo o aprendizado construído por você de forma humana, séria e científica.

Aos membros componentes da banca de qualificação e defesa, Paulo Rennes e Jéssica Villela, que com olhar cuidadoso contribuíram de forma primordial para a construção deste trabalho.

Aos meus pais, Ana Rosa e Sandro Benedito, que por meio da presença, me apoiaram e construíram base, estrutura para crer e duvidar.

À minha irmã Ana Paula, por me ensinar leveza e por todo companheirismo, troca e apoio.

À minha irmã Júlia, por resgatar sempre a criança em mim.

Aos meus tios Maria, Ronaldo, Anésia e José, por todo o incentivo e confiança.

Aos meus primos, eternos companheiros, Renato, Rodrigo e Taís. Em especial, agradeço a Renato, sua generosidade humana me inspira e seu acolhimento é transformador.

Ao meu namorado e companheiro, Lucas Aragão, por me fazer querer mais, sorrir mais, sentir mais.

Às minhas queridas professoras de graduação Sonia Kohler e Jéssica Vilella, que por meio do Observatório de Violências nas Escolas, me sonharam e ainda me construíram como profissional e ser humano.

Às minhas amadas amigas de profissão, Sabrina, Alessandra e Ewellin, tão importantes em todo meu processo de amadurecimento.

Aos meus amados amigos que me ajudaram a fazer casa em Araraquara: Shayene, Falcão, Priscila, Ketlyn, Eduardo e Camila, agradeço todo acolhimento e vida compartilhada.

Aos meus colegas de pastoral da juventude, em especial, Joyce. Por meio da presença e troca constante os dias se tornaram mais fáceis com a sua existência.

Ao grupo de homens que participou da pesquisa, por me permitirem a escuta.

Toda gratidão ao Deus libertador e eternamente menino, que por meio de seu projeto me ajudou a compreender que caminho se conhece andando.

Muito Obrigada!

“[...] as palavras de nossos discursos cotidianos nada mais são do que magia empalidecida. Mas será necessário trilhar mais um desvio para tornar compreensível como a ciência consegue devolver à palavra pelo menos uma parte de seu antigo poder mágico”.

Sigmund Freud (2017, p.19)

Resumo

A temática das masculinidades tem sido um tema debatido nos últimos anos entre os jovens universitários em função, sobretudo, dos movimentos que debatem gênero e das denúncias femininas sobre masculinidades tóxicas. Esta pesquisa teve o intuito de analisar as concepções de masculinidades em um grupo de universitários do sexo masculino, residentes em repúblicas estudantis. Trata-se de um grupo que foi constituído espontaneamente pelos próprios jovens como forma de refletir sobre denúncias de assédios sexuais na universidade e de promover medidas preventivas nas residências coletivas. Participavam do grupo 19 jovens com idade entre 20 e 28 anos, moradores de 9 repúblicas estudantis. As reuniões ocorriam em periodicidade quinzenal, em local determinado a cada reunião, nas próprias repúblicas. A cada encontro, uma república era selecionada para ceder o espaço da residência para a próxima reunião. Nesta perspectiva, a investigação teve como objetivo: identificar as concepções de masculinidades em um grupo de jovens universitários e analisar quais as principais influências psicossociais predominantes em suas histórias de vida. A abordagem metodológica utilizada para responder às questões propostas se concentra na modalidade de estudo de caso, de cunho exploratório. A análise dos dados evidenciou as identificações, conflitos e os elementos corporais simbólicos relacionados a masculinidade e que, para além de concepções de masculinidades, o homem contemporâneo jovem e universitário se compreende em estados de indefinição e conflitos.

Palavras – chave: Gênero, Sexualidade e Psicanálise, Estereótipo de gênero, Masculinidade, Universidade Pública.

Abstract

The theme of masculinity has been a topic debated, in recent years, among university students, mainly due to movements that debate gender and female complaints about toxic masculinities. This research aimed to analyze the conceptions of masculinity in a group of male university students living in student republics. It is a group that was spontaneously formed by the young people themselves as a way to reflect on reports of sexual harassment at the university and to promote preventive measures in collective residences. Approximately 19 young people aged between 20 and 28, residents of 9 student republics participated in the group. The meetings took place every fortnight, in a place determined for each meeting, in the republics themselves. At each meeting, a republic was selected to provide the space of the residence for the next meeting. In this perspective, the investigation aimed to: identify the conceptions of masculinity in a group of young university students and analyze the main psychosocial influences prevailing in their life stories. The methodological approach used to answer the proposed questions focuses on the case study modality, of an exploratory nature. Data analysis showed that, more than conceptions of masculinities, the contemporary young and university man understands himself in states of uncertainty and conflicts.

Keywords: Gender, Sexuality and Psychoanalysis, Gender Stereotyping, Masculinity, Public University.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** Número de matrículas em cursos de Graduação da rede pública (2009;2019 – INEP) 18
- Figura 2** Estudantes por gênero, segundo a região geográfica 19

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Eixos temáticos	27
Tabela 2	Categorização final – concepções de masculinidades	51
Tabela 3	Categorização final – concepções de masculinidades, categoria influências psicossociais	52
Tabela 4	Categorização final – concepções de masculinidades, categoria conflitos intrapsíquicos e interp-síquicos	53
Tabela 5	Categorização final – concepções de masculinidades, categoria elementos corporais simbólicos	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LGBTI	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersex
ONU	Organização das Nações Unidas
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
COVID-19	Coronavírus Disease
CRFB	Constituição da República Federativa do Brasil
DUDH	Declaração Internacional dos Direitos Humanos
CEDAW	Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
PdH	Papo de Homem
SIM	Sistema de Informações de Mortalidade
SUS	Sistema Único de Saúde
OPS	Organização Panamericana de Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
HIV	Vírus da imunodeficiência humana

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
INTRODUÇÃO	16
1 MASCULINIDADE OU MASCULINIDADES?	25
2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA E DESCRIÇÃO DO CASO	43
2.1 Perfil do público pesquisado: quem são os jovens estudados?	46
2.1.1 Fatores transferências e descrição dos grupos focais	47
3 CONCEPÇÕES DE MASCULINIDADES: IDENTIFICAÇÕES, CONFLITOS E ELEMENTOS CORPORAIS SIMBÓLICOS	55
3.1 Descrição da unidade aparente na fala dos participantes	55
3.2 Análise e interpretação dos conteúdos manifestos e latentes do grupo de homens universitários	59
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICES	89
APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido	90
APÊNDICE B - Roteiro do grupo focal	92
ANEXOS	94
ANEXO A - Parecer consubstanciado do cep	95

APRESENTAÇÃO

O percurso deste trabalho teve início durante minha formação em Psicologia, o que me proporcionou um interesse pelos fenômenos histórico-culturais relacionados à sexualidade, pelas relações indivíduo-grupo e pelos discursos singulares e coletivos. Após o contato com a realidade da violência contra mulheres nos diversos ambientes de intervenção que a formação em Psicologia proporciona, como nas políticas públicas de assistência, na Psicologia clínica, na Psicologia escolar e no próprio campo das discussões acadêmicas, a Pós-graduação em Educação Sexual possibilitou a continuidade e o foco nas discussões sobre sexualidade e gênero.

O interesse sobre o tema da constituição das masculinidades ocorreu por meio da própria literatura feminista e da percepção de escassos trabalhos sobre o tema paralelo aos estudos sobre mulheres. Em contrapartida, observei um movimento crescente nas discussões sobre a constituição das masculinidades nos denominados “grupos de homens”, os quais se destinavam a debater o machismo e “novas formas” de ser homem na contemporaneidade.

Inicialmente, o projeto de mestrado se concentrava em identificar crenças e estereótipos sobre masculinidade e violência de gênero nas escolas públicas da periferia de uma cidade no interior do estado de São Paulo. Neste sentido, o público pesquisado corresponderia a crianças e jovens no *locus* do Ensino Fundamental e Médio. Entretanto, durante o desenvolvimento do mestrado, a participação em um grupo de discussão sobre masculinidades como psicóloga foi requisitada por alguns jovens universitários de diversos cursos de graduação.

A ação no grupo de homens universitários ocorreu em dois momentos distintos. Inicialmente, fui convidada como Psicóloga para mediar uma roda de conversa sobre machismo na contemporaneidade em um grupo composto por 20 jovens. É necessário ressaltar que essa roda de conversa não fez parte da coleta de informações desta pesquisa.

Após o primeiro contato com o grupo, os jovens universitários foram convidados a participar da pesquisa sobre as concepções de masculinidades a que se refere este trabalho. Os universitários cederam, então, o espaço do grupo para o *locus* da pesquisa.

Optei pela coleta de dados em um grupo, já que a formação em psicologia oferece subsídios de manejo grupal, pois consideramos que o grupo reflete as questões individuais de forma coletiva, oferecendo parâmetros de como a sociedade de uma maneira macro se organiza. Sem deixar, porém, de considerar que cada sujeito, à sua maneira, possui estruturas e modos de funcionamento absolutamente complexos e individuais, mas que, de alguma forma, refletem

uma construção social. Dito de outro modo, somos seres dinâmicos com formações que englobam diversas dimensões.

Além desses aspectos mencionados, a pesquisa utiliza-se do referencial teórico da psicanálise como recurso de leitura, possibilitando a compreensão e a interpretação das narrativas latentes e manifestas dos universitários, com o fim de compreender a constituição de subjetividades intrincadas nas masculinidades.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como objetivo identificar as concepções de masculinidades em um grupo de jovens universitários e analisar quais as principais influências psicossociais predominantes em suas histórias de vida. Pautou-se pela análise das problemáticas relacionadas à constituição dos sujeitos contemporâneos intrincadas nas concepções atribuídas pelos universitários sobre masculinidades. Pretendeu-se, portanto, realizar uma escuta destes jovens participantes da pesquisa, bem como discutir as formas de conflitos associadas às dimensões das masculinidades.

Concebe-se o conceito de masculinidades a partir da ótica psicanalítica, na qual o gênero não se caracterizaria de forma naturalizada, decorrente do aparato biológico. A construção das masculinidades perpassa a instauração do Complexo de Édipo e seus destinos. Portanto, a constituição de uma subjetividade masculina percorre lugares simbólicos e imaginários que se estruturam no processo de subjetivação a partir das trocas intersubjetivas.

Com a pretensão de delinear as problemáticas a que se destina este trabalho, faz-se necessário compreender a que homens nos referimos. A pesquisa enfoca homens, jovens, estudantes em instituições de ensino público. Segundo o Estatuto da Juventude - Lei Nº12.852 (Brasil, 2013) são considerados jovens, pessoas com idade entre 15 (quinze) a 29 (vinte e nove) anos de idade.

Para Porchmann (2004), a juventude tem sido compreendida como um ciclo da vida humana, uma fase etária que intermedia a passagem da adolescência para a vida adulta. Koelher (2013) corrobora essa visão à medida que descreve a juventude como uma imersão na vida social e, principalmente, no mundo do trabalho e independência financeira.

Por sua vez, Dayeell (2009) articula o conceito de juventude como “condição juvenil”. Assim a adolescência/juventude vincula-se a uma maneira de ser, como a situação do sujeito perante a vida, perante a sociedade. Entretanto, a partir da vasta literatura sobre juventude(s) sabe-se que existe certa dificuldade em se conceber um conceito universal sobre esse fenômeno de diversas expressões. Partindo de figurações contemporâneas do significado da juventude e de uma perspectiva do sintoma cultural, é

Difícil precisar o que é juventude. Quem não se considera jovem hoje em dia?

O conceito de juventude é bem elástico: dos 18 aos 40, todos os adultos são jovens. A

juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde disposição, é um perfil do consumidor, uma fatia do mercado em que todos querem se incluir. (Kehl, 2007, p. 44)

Nesse sentido, a psicanalista Kehl tece uma crítica ao recente prestígio da juventude, visto que, por meio da transição para a vida adulta, o adolescente passa a ser considerado cidadão e se instaura como consumidor em potencial. Segundo a autora “o adolescente das últimas décadas do século XX deixou de ser a criança grande, desajeitada e inibida, de pele ruim e hábitos anti-sociais, para se transformar no modelo de beleza, liberdade e sensualidade para todas as outras faixas etárias” (Kehl, 2007, p. 47). Desse modo, na contemporaneidade ocorre a passagem de uma longa juventude que culminará diretamente na velhice, ocasionando o vazio de um lugar que poderia ser ocupado pelo adulto (Kehl, 2007). Compreende-se, portanto, que a juventude deixa de ser associada a somente fatores biológicos e se insere em figurações sociais.

Posto uma breve definição do grupo social a que se refere este trabalho, avançamos para a compreensão dos jovens na universidade, especialmente aqueles que têm acesso ao Ensino Superior Público. Neste sentido, sabe-se que, historicamente as universidades eram espaços públicos direcionados predominantemente aos homens brancos e das camadas sociais abastadas. Chauí (2011) sobre a Universidade argumenta que a educação no Brasil é compreendida como privilégio e não como direito, dessa maneira, o corpo discente está a serviço de classes sociais e grupos abastados, cujos “filhos são formados na rede privada no primeiro e segundo graus” (Chauí, 2011, p.37). A autora ainda realiza uma revisão histórica sobre os traços antidemocráticos e antirrepublicanos da sociedade brasileira e como isso reflete na instituição educativa, pois há o reforço do privilégio e a ausência do princípio democrático de igualdade e justiça.

Entretanto, justifica Vasconcelos (2016):

Ainda que o acesso ao ensino superior seja desigual e muito mais provável entre jovens com níveis de renda mais elevados, é inegável a expansão do número de matrículas nas duas últimas décadas: de 1,5 milhão, em 1991, para 6,4 milhões, em 2010, e 7,1 milhões, em 2012 (Inep, 2012), alcançando uma taxa bruta de matrícula de cerca de 30%, mas ainda muito distante dos 50% estabelecidos pelo PNE 2011-2020. (p.130).

Dados atuais demonstram que, na última década, constata-se a expansão da educação superior pública. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep, 2019), a rede federal consolida-se como a categoria que apresentou maior crescimento com 59,1% de matrículas entre 2009 e 2019. No mesmo período, a rede estadual também registrou crescimento de 16,0% de matrículas. Na sequência, o gráfico com os dados referentes às matrículas em cursos de graduação na rede pública, coletados pelo Censo da Educação Superior – Inep (2019, p. 17):



Figura 1. Número de matrículas em Cursos de Graduação da rede pública – 2009 – 2019 – INEP. Fonte: Copyright by the MEC/Inep; Censo da Educação Superior.

Em relação ao sexo dos graduandos, é consenso nas pesquisas de censo o crescimento da participação do sexo feminino. É importante ressaltar ainda outro dado referente aos homens e às mulheres. Segundo o Censo da Educação Superior – Inep (2019), as mulheres possuem uma taxa de conclusão maior de que a dos homens no curso superior, tendo o sexo masculino apresentado uma taxa de desistência de quase 30% dos ingressantes em 2010.

Referente à cor ou à raça dos graduandos(as), a V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) graduandos(as) das IFES (2018) indica um crescimento da participação de pretos e pardos nas universidades públicas e uma diminuição dos estudantes brancos, que eram 59,4%, passando a ser 43,3% no ano de 2018. A pesquisa considera este crescimento como parte das políticas de ações afirmativas nas universidades.

A pesquisa também apresenta a relação de estudantes por gênero, segundo a região geográfica:

Tabela 2-6: Graduandos (as) por gênero, segundo a região geográfica de campus - 2018

Região do campus/Gênero		Mulher Cisgênera	Homem Cisgênero	Mulher Transsexual/Transgênera	Homem Transsexual/Transgênero	Não-Binário	Outro	Prefiro não me classificar	Prefiro não responder	Total
Norte	Freq.	66.955	56.610	307	315	934	7.124	8.173	10.765	151.183
	% (L)	44,3	37,4	0,2	0,2	0,6	4,7	5,4	7,1	100,0
	% (C)	11,6	11,8	18,3	18,5	12,1	22,7	18,3	19,8	12,6
Nordeste	Freq.	159.442	145.357	489	526	2.264	11.506	15.301	20.156	355.041
	% (L)	44,9	40,9	0,1	0,1	0,6	3,2	4,3	5,7	100,0
	% (C)	27,6	30,2	29,2	30,9	29,3	36,6	34,2	37,0	29,6
Sudeste	Freq.	188.047	143.153	341	442	2.326	5.952	9.605	10.294	360.160
	% (L)	52,2	39,7	0,1	0,1	0,6	1,7	2,7	2,9	100,0
	% (C)	32,6	29,8	20,3	26,0	30,1	18,9	21,5	18,9	30,0
Sul	Freq.	105.033	85.064	361	287	1.448	3.836	6.904	6.953	209.886
	% (L)	50,0	40,5	0,2	0,1	0,7	1,8	3,3	3,3	100,0
	% (C)	18,2	17,7	21,5	16,9	18,7	12,2	15,4	12,8	17,5
Centro-Oeste	Freq.	57.983	50.949	178	133	763	3.025	4.712	6.289	124.032
	% (L)	46,7	41,1	0,1	0,1	0,6	2,4	3,8	5,1	100,0
	% (C)	10,0	10,6	10,6	7,8	9,9	9,6	10,5	11,5	10,3
Total	Freq.	577.460	481.133	1.676	1.703	7.735	31.443	44.695	54.457	1.200.300*
	% (L)	48,1	40,1	0,1	0,1	0,6	2,6	3,7	4,5	100,0
	% (C)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) graduandos (as) das IFES (2018).
 * Em virtude do arredondamento necessário à padronização da expansão amostral, a soma total de graduandos (as) seria 1.200.302.

Figura 2. Estudantes por gênero, segundo a região geográfica. Fonte: Copyright by the: V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) graduandos(as) das IFES (2018).

A maioria dos graduandos se declara como cisgênera, sendo a proporção de participantes transexuais muito pequena, com 0,2% - 3.379 pessoas. Entretanto, a pesquisa ressalta uma questão importante: “se agruparmos todos(as) os(as) respondentes que negam a

identidade, obtém-se uma proporção nacional de 11,6%, com um pico de 18,2% na região Norte.” (Andifes, 2019, p.45).

Portanto, postos os aspectos estatísticos sobre o perfil de jovens universitários, considera-se, neste estudo, a constituição subjetiva de masculinidades de homens jovens brancos, pardos e negros, de maioria cisgênera.

No que diz respeito aos conflitos associados às dimensões das masculinidades destes jovens universitários, a afirmativa de Peralva (2007, p. 25) poderá auxiliar na articulação entre o aspecto da juventude estudada neste trabalho, o tema das masculinidades e as reflexões que se derivam desses fenômenos.

Enquanto o adulto vive ainda sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, o jovem já vive em um mundo radicalmente novo, cujas categorias de inteligibilidade ele ajuda a construir. Interrogar essas categorias permite não somente uma melhor compreensão do universo de referências de um grupo etário particular, mas também da nova sociedade transformada pela mutação (Peralva, 2007, p. 25).

Alinhando as transformações e mutações experienciadas por uma juventude contemporânea e os conflitos associados às dimensões das masculinidades, faz-se evidente um cenário de transformações políticas e socioculturais e consequentemente transformações psíquicas, pois, se historicamente as noções de domínio, força e virilidade eram atribuídas aos homens, atualmente novas concepções ganham espaço para identificar estes sujeitos.

Para Birman (2018, p.137), especialmente em relação às transformações ocorridas em torno da sexualidade, nos deparamos com realidades e discursos que pressupõe a legitimação da existência de práticas sexuais no plural, e não no singular, o que implica o reconhecimento e o rompimento com os padrões sexuais anteriormente existentes na tradição ocidental. Para o autor, um dos alicerces que constituíam o campo da sexualidade no ocidente e que foram radicalmente transformados foi o patriarcado, uma vez que “era a tradição patriarcal que caucionava a relação hierárquica existente entre as figuras do homem e da mulher” (Birman, 2018, p. 139). A heterossexualidade compulsória passa a ser questionada, dando visibilidade aos discursos homossexuais, bissexuais e transexuais.

De fato, segundo Birman (2018):

[...] foi a desconstrução progressiva da relação hierárquica entre os gêneros, assim como a colocação em questão da heterossexualidade compulsória o que transformou e subverteu as coordenadas instituídas no campo da sexualidade, de forma que foram essas as condições concretas de possibilidade para a constituição de outro campo sexual no Ocidente (p.140).

Este “outro campo sexual” pode ser relacionado ao termo “crise da masculinidade”, que se instaura no interim destas transformações que parecem colocar em questão as categorias femininas e masculinas. Aquém de novas concepções, tem-se, uma realidade marcada por masculinidades denominadas “tóxicas”. Sculos (2017, n.p) define o termo masculinidade tóxica como um “conjunto de normas, crenças e comportamentos associados à masculinidade e que são prejudiciais às mulheres, aos homens, às crianças e à sociedade em geral”. Quais seriam estas normas, crenças e comportamentos? Assim o autor explica:

O termo ‘tóxico’ expressa a nocividade das práticas e discursos que compõem essa noção de masculinidade [...] incluem: hipercompetitividade, autossuficiência, individualismo [...], tendência ou glorificação da violência (real ou digital, direcionada a pessoa ou a qualquer ser vivo ou não vivo), chauvinismo (paternalismo em relação às mulheres), sexismo (superioridade), misoginia (ódio às mulheres), concepções rígidas de identidade e papéis sexuais / de gênero, heteronormatividade (crenças na naturalidade e superioridade da heterossexualidade cisgênica), direito à atenção (sexual) das mulheres, objetificação (sexual) das mulheres, infantilização das mulheres (tratando-as como imaturas, sem consciência, esperando mansidão ou desejando que tenham sempre uma aparência jovem). (Sculos, 2017, n.p. tradução nossa¹).

¹ [...] Term “toxic” expresses the harmfulness of the practices and discourses that comprise this notion of masculinity. Norms, beliefs, and behaviors often associated with toxic masculinity include: hyper competitiveness, individualistic selfsufficiency (often to the point of isolation nowadays, but still, and more commonly in the preInternet days, in a parochial patriarchal sense of the male role as breadwinner and autocrat of the family), tendency towards or glorification of violence (real or digital, directed at people or any living or non-living things), chauvinism (paternalism towards women), sexism (male superiority), misogyny (hatred of women), rigid conceptions of sexual/gender identity and roles, heteronormativity (belief in the naturalness and superiority of heterosexuality and cisgenderness), entitlement to (sexual) attention from women, (sexual) objectification of women, and the infantilization of women (treating women as immature and lacking awareness or agency and desiring meekness and “youthful” appearance).

Percebe-se que as práticas nocivas se dirigem aos próprios homens e à sociedade em geral, o que corrobora os fatores de risco que se dão em três direções determinadas pela OPS/OMS (2019) e citadas anteriormente.

Outra definição de masculinidade tóxica realizada por Kuper (2005, p. 714) é a seguinte: “masculinidade tóxica é a constelação de traços masculinos socialmente regressivos que servem para promover a dominação, a desvalorização da mulher, a homofobia e a violência arbitrária”. Por meio de discursos e práticas de comportamentos organizados dentro de uma noção de “masculino”, a masculinidade tóxica inclui comportamentos que são regressivos, que influem sobre comportamentos retroativos e não mais vigentes, como o sexismo, misoginia, rigidez de papéis e objetificação feminina.

Dessa forma, defronta-se com novas formas de sofrimento psíquico gerados pelo contraste entre os comportamentos socialmente sancionados, tradicionais à constituição das masculinidades, e comportamentos que subvertem as noções de domínio, força e virilidade, e incluem a possibilidade de pluralidades nas identidades de gênero. Observa-se, portanto, um conflito identitário em curso, o que pode culminar nos padecimentos psíquicos dos sujeitos masculinos.

Silva e Macedo (2012) categorizaram alguns sofrimentos psíquicos masculinos por meio de queixas na clínica psicanalítica, como os efeitos das novas demandas contemporâneas no campo intersubjetivo dos pacientes. Os homens passaram a “rever suas habituais funções, como a de único provedor, figura de autoridade e pequena participação no cuidado dos filhos e da casa” (Silva e Macedo, 2012, p. 208). Estas funções habituais parecem estar ligadas a “mecanismos de negação, supressão e projeção de alguns afetos considerados difíceis de manejar subjetivamente, tais como o medo, a dor e a tristeza, já que o homem deve manter-se corajoso, forte e insensível.” (Silva e Macedo, 2012, p. 212).

Dados sobre violência descritos no documento “Juventudes e políticas sociais no Brasil” (IPEA, 2009, p.132) demonstram que

No Brasil, na faixa etária de 15 a 29 anos, morre um número significativamente superior de homens do que de mulheres. Entre 2003 e 2005, a taxa de mortalidade média de jovens de 20 a 24 anos, por exemplo, foi de 261,80 por 100 mil habitantes para jovens do sexo masculino e, muito mais baixa, da ordem de 58,43 por 100 mil, para jovens do sexo feminino. A explicação para tal fenômeno está na violência, que

ocasiona uma sobremortalidade dos adolescentes e adultos jovens do sexo masculino, fazendo que este período etário seja considerado de alto risco, quando poderia ser um dos mais saudáveis do ciclo vital do ser humano.

Há, ainda, uma diferença significativa na violência sofrida em relação a homens brancos, pretos e pardos no Brasil: “Dados do Sistema de Informações de Mortalidade do Sistema Único de Saúde (SIM/SUS) demonstram que enquanto os jovens brancos do sexo masculino apresentam taxa média de 138,2 mortos por causas externas para cada grupo de 100 mil habitantes, as taxas dos jovens pretos e dos pardos são, respectivamente, de 206,9 e 190,6.1” (IPEA, 2009, p. 32).

Ademais, dados atualizados do Sistema de Informações de Mortalidade (SIM) do Sistema Único de Saúde (SUS) evidenciam que, no período de 2018, no estado de São Paulo, a taxa de mortalidade de homens por ocorrência de agressão, com idade entre 20 a 29 anos é de 852 casos. O Datasus inclui como agressão: “homicídio, lesões infligidas por outra pessoa, empregando qualquer meio, com a intenção de lesar (ferir) ou de matar”. Para as mulheres a taxa de mortalidade na categoria de agressão no período de 2018, estado de São Paulo, com idade entre 20 e 29 anos é de 96 casos.

Em relação às tentativas de suicídio (lesões autoprovocadas voluntariamente), o SIM/SUS apresenta um total de 357 casos no estado de São Paulo de homens com idade entre 20 e 29 anos, no ano de 2018. Em relação às mulheres, após a aplicação dos mesmos filtros no Sistema de Informações de Mortalidade, a taxa é de 100 casos.

Desse modo, após a delimitação do contexto a que se referem o presente estudo, questiona-se: quais as concepções de masculinidades em um grupo de jovens universitários? Quais as influências envolvidas no processo de construção destas concepções?

Partindo das problemáticas propostas, este trabalho procura contribuir no âmbito da educação sexual, com aspectos da relação entre cultura e a sexualidade, bem como explicitar a importância do conhecimento produzido pela teoria psicanalítica como recurso de leitura dos fenômenos sociais e psicológicos.

Estruturalmente, o trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma revisão teórico-conceitual sobre masculinidades e psicanálise como possível recurso de leitura da subjetivação dos sujeitos. O segundo capítulo discorre sobre o percurso metodológico adotado para este trabalho e a descrição do caso estudado. Optou-se por uma abordagem qualitativa de pesquisa, na modalidade de estudo de caso, realizado a partir de

encontros com um grupo de jovens universitários residentes em repúblicas estudantis. O referido grupo, como citado anteriormente, havia sido formado previamente e de maneira voluntária, cujos integrantes se reuniam regularmente com o objetivo de discutir os casos de assédio que ocorrem nos diversos ambientes da universidade.

O terceiro capítulo apresenta os resultados da análise das falas dos jovens sob a perspectiva de análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2000), e de uma escuta orientada pela abordagem psicanalítica. É importante destacar que esta análise não partiu de categorias prévias, elas foram construídas pela leitura e categorização dos conteúdos manifestos e latentes das falas, obtendo dados referentes às identificações, conflitos e elementos corporais simbólicos dos participantes em relação às masculinidades.

Nesse sentido, dadas as transformações citadas em relação ao universo masculino, no quarto capítulo são exploradas as considerações e discussões apoiadas na abordagem psicanalítica como recurso de leitura dos processos de subjetivação das masculinidades contemporâneas.

É importante ressaltar, por fim, que o trabalho não pretende reforçar as questões relacionadas à "identidade" feminina e masculina, como se estas fossem as duas instâncias possíveis e estáticas de se colocar no mundo. Pretende-se, dentro desse universo, compreender de que maneira o ser humano imputa determinados modos de funcionamento de acordo com as expectativas de gênero e como isso interfere nas relações dos sujeitos.

1 MASCULINIDADE OU MASCULINIDADES?

Nesse capítulo, abordam-se conceitos teóricos referentes às masculinidades, com o objetivo de delimitar o tema trabalhado no presente estudo. Nesse sentido, utilizaremos reflexões teóricas advindas da teoria psicanalítica como recurso de leitura dos fenômenos contemporâneos culturais e psicológicos. Entretanto, faz-se necessário compreender inicialmente o contexto do debate acadêmico sobre o tema.

Para Ambra (2013), a partir dos anos 1970, as discussões sobre masculinidades se difundem por meio de duas perspectivas teóricas centrais, uma de corrente materialista e outra pós-estruturalista. A primeira delas tem base nas críticas do feminismo em conjunto com as teorias sobre a sociedade patriarcal, restringindo-se ao papel opressor dos homens sobre as mulheres. Esses discursos produzem a “masculinidade hegemônica”, uma proposta difundida por Connell. Sobre a origem do termo, ele explica que “hegemonia” é uma corrente gramsciniana na busca por compreender a estabilização das relações de classes em um sistema dual, dessa forma, os estudos sobre a masculinidade hegemônica transferiram o conceito para as relações de gênero. O que isso significa? A formulação do conceito de masculinidades hegemônicas emerge como “um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (Connell, 2013, p. 245).

Assim, o conceito tem como característica a normativa, na qual os homens se posicionam em relação a práticas masculinas, papéis e uma identidade masculina. Não obstante, o conceito recebe críticas a partir dos anos 1990. Segundo Connell (2013), as críticas ressaltam que o conceito de masculinidade é incerto e ainda “essencializa o caráter dos homens ou impõe uma unidade falsa a uma realidade fluida e contraditória” (p.249).

O autor acrescenta:

Algumas versões desse argumento criticam as pesquisas sobre masculinidades porque essas não adotaram um kit de ferramentas pós-estruturalistas específico – que seria, por exemplo, a ênfase na construção discursiva das identidades. O conceito de masculinidade é criticado por ter sido enquadrado no seio de uma concepção heteronormativa de gênero que essencializa a diferença macho-fêmea e ignora a diferença e a exclusão dentro das categorias de gênero. Ao conceito de masculinidade

é atribuído o fato de esse permanecer logicamente numa dicotomização do sexo (biológico) *versus* gênero (cultural), dessa forma marginalizando ou naturalizando o corpo (Connell, 2013, p.250).

Connell (2013), no estudo “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”, a partir das críticas sobre a reificação, propõe a revisão e reformulação dos significados e aplicações do conceito. Para o autor, a característica fundamental que deveria ser mantida seria a combinação da pluralidade das masculinidades e a hierarquia entre essas masculinidades, pois “padrões múltiplos de masculinidade têm sido identificados em muitos estudos, em uma variedade de países e em diferentes contextos institucionais e culturais” (Connell, 2013, p. 262). O que deveria ser rejeitado, nesse sentido, seriam os modelos simples das relações sociais, ou seja, padrões únicos de uma “dominação global” dos homens sobre as mulheres.

Por sua vez, a corrente pós-estruturalista, segundo Ambra (2013), pretende ressaltar “a instabilidade e as contradições de normas e identidades que alguns materialistas se apressariam em rotular como dominantes, hegemônicas ou impostas” (p.16). Estes estudos procuram realizar uma historiografia da masculinidade, demonstrando como ela se desenvolveu e as diferentes formas que já assumiu, e reiterando ainda a “crise da masculinidade” como fenômeno contemporâneo (Ambra, 2013).

A partir dessa contextualização teórica acerca dos estudos sobre masculinidades, adotamos o conceito de masculinidade(s), retomando a noção de instabilidades e contradições nas normas de identidade de gênero e ainda a identificação de múltiplos padrões. Masculinidades se desenvolvem de diferentes formas de acordo com a história, cultura e subjetivação.

Nessa perspectiva, de que forma a teoria psicanalítica poderia se inserir neste contexto? Inicialmente, sabe-se que a partir das investigações sobre histeria, a teoria teve como foco as questões pertinentes ao universo feminino e o funcionamento psíquico e sua vinculação à sexualidade. Silva e Prioste (2021) relatam que,

De acordo com Sampaio e Garcia (2010), para a psicanálise, o interesse secular em desvendar a singularidade feminina não tem “um movimento semelhante em relação aos homens, assim, o homem tendeu a ser compreendido como sendo mais simples e menos misterioso, apresentando um processo de constituição subjetiva teoricamente menos engenhoso” (Sampaio e Garcia, 2010, p. 82). A sexualidade

masculina e as particularidades das masculinidades engendradas em diferentes contextos sociais foram, em certa medida, negligenciadas em decorrência, principalmente, do mito da menor complexidade.

Ambra (2013) reitera essa perspectiva, acrescentando que, além dos estudos em psicanálise sobre o feminino serem consideravelmente mais frequentes que os masculinos, há uma corrente de trabalhos que são “pontuais ou mostram-se marginalmente em relação a um estudo de gênero mais amplo”. Nesse sentido, o masculino como enfoque é dificilmente encontrado nos estudos em psicanálise.

O estudo de Silva e Prioste (2021) apresenta uma revisão da literatura recente da abordagem psicanalítica produzida no Brasil sobre o tema. Nela, foi possível identificar três correntes temáticas a partir dos seguintes eixos:

Tabela 1 - Eixos temáticos

1	Estudos psicanalíticos no âmbito das masculinidades	Estudos em que a psicanálise aparece como foco central na discussão da masculinidade. A teoria é utilizada como recurso de leitura para a constituição da masculinidade.
2	Estudos de gênero com foco ampliado	Os estudos nesse eixo temático objetivam discutir gênero de forma ampliada, incluindo debates sobre identidade de gênero, mas que não se aprofundam na especificidade das masculinidades.
3	Estudos de gênero que contemplam a psicanálise de forma interdisciplinar	Estudos em que a psicanálise aparece como foco central na discussão da masculinidade. A teoria é utilizada como recurso de leitura para a constituição da masculinidade. Nesse eixo temático, os estudos de gênero contemplam as questões das masculinidades e se utilizam do discurso psicanalítico de forma interdisciplinar, à medida que a teoria é referida como uma referência de articulação com os estudos de gênero ou mesmo crítica.

Nota: tabela recuperada de Silva e Prioste (2021, p. 16).

Além dos estudos pontuais com foco ampliado sobre gênero referidos por Ambra (2013), as autoras se depararam com estudos que têm como foco central a leitura dos fenômenos relacionados às masculinidades pela via psicanalítica. Estes estudos propõem-se a indicar a importância dos momentos iniciais do desenvolvimento para a constituição da subjetividade dos sujeitos, delimitando a constituição subjetiva ao contexto da contemporaneidade e correlacionando com um suposto mal-estar existente em virtude de transformações ocorridas no campo sexual. O terceiro eixo designa as pesquisas que se utilizam da teoria psicanalítica

como uma referência na articulação com os estudos de gênero, abordando a importância das discussões psicanalíticas no campo interdisciplinar.

Por meio da revisão de literatura, Silva e Prioste (2021, p. 20) ressaltam que

Os trabalhos em Psicanálise e Masculinidade apresentam-se, portanto, via estudos na perspectiva psicanalítica e estudos interdisciplinares que contemplam as pesquisas com foco ampliado nas questões de gênero. Sob a perspectiva psicanalítica, a teoria vem sendo utilizada como um recurso de leitura para o campo das constituições subjetivas, bem como as transformações deste campo e os efeitos nos sujeitos. Sob a via interdisciplinar dos estudos, a teoria psicanalítica é identificada, principalmente, a partir dos diálogos carregados de tensões com os estudos feministas e de gênero, bem como a necessidade de articulações com outros campos de saberes.

Os autores comuns aos trabalhos estudados na revisão de literatura são Freud (1856 – 1939) e Maria Rita Kehl (1951). Freud parece ser uma referência clássica por fundar a psicanálise e pelo foco central na sexualidade como via do desenvolvimento humano.

Segundo as autoras:

As discussões sobre a diferença sexual parecem ser o ponto de partida a que se referem os artigos para discutir masculinidades. O autor Freud ainda é muito citado pela possibilidade de recurso de leitura dos processos de subjetivações e dinâmicas dos sujeitos. É interessante notar que a psicanálise no interim da própria teoria possui diferentes interpretações dos fenômenos subjetivos e culturais. Entretanto, a escola Francesa aparece como uma referência. Além de Freud, um autor bastante citado é Jacques Lacan, devido às vastas contribuições para a teoria freudiana (Silva e Prioste, 2021, p. 17).

É também presente nos estudos psicanalíticos com o foco central nas masculinidades a teoria como ferramenta de leitura da realidade e ainda a importância edípica ao processo de identificação dos sujeitos.

Portanto, apesar de os estudos em masculinidades serem menos frequentes que as investigações sobre o feminino na psicanálise, em face da tendência em se compreender o homem “como sendo mais simples e menos misterioso, apresentando um processo de

constituição subjetiva teoricamente menos engenhoso” (Sampaio e Garcia, 2010, p. 82), a psicanálise, na década de 1960, com a ampliação dos movimentos feministas e o acirramento dos debates sobre gênero e sexo, teve o mito da masculinidade menos complexa questionado no âmbito da teoria. Assim, nas últimas décadas, investigações sobre os homens e as constituições das subjetividades masculinas, pautadas pela abordagem teórica da psicanálise, começaram a ser difundidas nos Estados Unidos, e também foram recorrentes em pesquisas na Europa e no Brasil (Sampaio e Garcia, 2010).

O psicanalista Robert Stoller é responsável por aprofundar, segundo Ambra (2013), a “trilha deixada por Freud da bissexualidade e separação entre identidade sexual e sexo anatômico, conceituando no interior da psicanálise o atualmente conceito de gênero” (p.20).

De que forma, portanto, a psicanálise versa sobre a masculinidade? De acordo com Ambra (2013), a psicanálise demonstra a experiência fundamental da sexualidade para a dimensão psicológica, neste sentido, “na abordagem da subjetividade humana, a Psicanálise se apresenta como um valioso recurso de leitura tanto do processo de subjetivação quanto da dinâmica dos padecimentos psíquicos” (Silva e Macedo, 2012, p. 205).

Masculinidade e feminilidade, no âmbito da psicanálise, não são definições naturalizadas decorrentes do aparato biológico. Do ponto de vista psicanalítico, a construção de gênero perpassa lugares simbólicos e imaginários que se estruturam no processo de subjetivação a partir das trocas intersubjetivas.

Freud (2011, p. 268) argumenta que “masculinidade e feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto”, argumento aprofundado na conferência XXII (1932 – 1936) sobre a feminilidade. Coelho (2013) ressalta que, nessa conferência, Freud tece uma crítica sobre a definição da diferença sexual, à medida que se estabelecem padrões de comportamentos para ambos os sexos.

Dessa forma, Freud (2010, pp. 265 - 266) inicia o texto com o seguinte questionamento:

Ao deparar-se com um outro ser humano, a primeira distinção que fazem é "macho ou fêmea", e estão habituados a fazer essa distinção com tranquila certeza. [...] Vocês são convidados a familiarizar-se com a ideia de que a proporção em que masculino e feminino se misturam, no ser individual, está sujeita a consideráveis variações. Mas como, excetuando casos raríssimos, apenas um tipo de produto sexual - óvulos ou sêmen - se acha presente numa pessoa, vocês devem ter dúvidas quanto ao significado decisivo desses elementos e concluir que o que constitui a

masculinidade ou feminilidade é uma característica desconhecida, que a anatomia não pode apreender.

Portanto, para a psicanálise, masculinidade e feminilidade não correspondem ao aparato anatômico, e, caso sejam atribuídos comportamentos “ativo – masculino” e “passivo – feminino”, não existe um propósito para análise que seja útil. A construção de gênero, logo, é de via simbólica e imaginária, estruturada nos processos de subjetivação. Segundo Cossi e Dunker (2017), para Freud, é por meio do Complexo de Édipo que os sujeitos se definem como homem ou mulher, visto que o desfecho é a formação da identidade de gênero.

Nos termos de Laplanche e Pontalis (2001, p. 77), o Complexo de Édipo pode ser definido como:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se com o na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo.

Portanto, o Complexo se funda para a psicanálise como um papel fundamental na estrutura da personalidade dos sujeitos, orientando o desejo humano. As funções fundamentais desse processo compreendem a escolha do objeto de amor e a interdição do incesto; o acesso dos sujeitos à genitalidade; e os efeitos na estruturação da personalidade após a resolução do complexo pela via da identificação, instaurando especialmente o superego e o ideal do ego (Laplanche e Pontalis, 2001).

Segundo Freud, o Complexo de Édipo é nuclear e constitui parte essencial das neuroses. Para o autor: “nele culmina a sexualidade infantil, que, por seus efeitos ulteriores, influi decisivamente na sexualidade do adulto (2016, p.149). Rosa (2008), partindo dos estudos de Lacan, explica que a identidade sexual do sujeito masculino se constitui na saída do Édipo, por meio da identificação com o pai que é interiorizado como Ideal do Eu.

Para a autora, “no declínio do Édipo, o menino encontraria uma solução no recalque do desejo incestuoso e na aquisição desse termo ideal graças ao qual ele pode tornar-se um

pequeno homem, alguém que já tem a sua credencial no bolso, uma promissória para o futuro (Rosa, 2008, p. 439).

Desse modo, para discutir a concepção de masculinidade pela via da psicanálise, optamos por utilizar algumas distinções realizadas por Laplanche (2015), o qual explicita o funcionamento primordial do ser humano na história da tríade gênero, sexo e o sexual.

Segundo o autor, “o Sexual, para Freud, é, pois, exterior ou mesmo anterior à diferença dos sexos, para não dizer, à diferença dos gêneros; ele é oral, anal ou paragenital.” (Laplanche, 2015, p.157). Define ainda o termo Sexual como: “o Sexual poderia ser definido como “o que é condenado pelo adulto” (Laplanche, 2015, p.158) e, portanto, recalcado por ser Sexual. Laplanche aponta a dificuldade de se definir o Sexual de forma ampliada, visto que parece se sustentar na sexualidade dita clássica. Dessa forma, introduz um outro termo: gênero.

O autor realiza uma retomada histórica sobre o conceito, o qual foi fortemente difundido por sociólogos e pela literatura feminista. Cabe ressaltar que o conceito de gênero foi introduzido inicialmente pelo sexólogo J. Monet, em 1955, sendo assumido pelo psicanalista R. Stoller, que, em 1968, cunhou o termo “identidade nuclear de gênero” ou “núcleo da identidade de gênero” (Laplanche, 2015).

Para Laplanche (2015), o que ocorre é uma “guerra” de conceitos e termos, ou seja, o gênero contra o sexo e quando gênero e sexo estão aliados, contra o sexual. O que isso quer dizer? Laplanche exemplifica nomeando um duplo movimento existente na maior parte da literatura feminista:

Há um primeiro movimento de subversão da noção de sexo, chegando a anulá-lo numa pura retroação pelo gênero; e depois, um momento em que se percebe a necessidade, apesar de tudo, de conceber algo na base, ainda que seja justamente para subvertê-lo e anulá-lo: uma espécie de natureza pura ou, como diz Beauvoir, “fatos que não têm sentido em si mesmos. (Laplanche, 2015, p. 160).

Dessa forma, observa-se um movimento que procura a “desnaturalização” da natureza, e neste movimento a referência feita à psicanálise têm o sexual totalmente ausente. A psicanálise é referida como uma teoria que subordina o gênero ao sexo. Entretanto, Laplanche (2015) argumenta que apesar da palavra gênero não aparecer nos escritos de

Freud, justamente pela língua alemã não permitir, visto que *Geschlecht* significa sexo e gênero ao mesmo tempo, o conceito aparece de outras formas. Assim, o autor introduz os três pares de oposição no ser humano: ativo-passivo, fálico-castrado e feminino–masculino.

Atemo-nos ao terceiro par de oposição, o feminino e o masculino. Freud (1931-1936, citado por Laplanche, 2015, p. 168) explica que “masculino e feminino constituem a primeira diferenciação que fazemos quando encontramos outro ser humano, e somos acostumados a fazê-la com uma certeza isenta de dúvida”. A diferenciação, portanto, não é realizada segundo os órgãos genitais, mas sim, conforme Laplanche (2015), são os *habitus* de ambos os sexos que caracterizam a diferença. Neste sentido, “é a criança na presença do adulto que se interroga sobre essa diferença presente no adulto” (Laplanche, 2015, p. 169).

Assim, para definir gênero o autor utiliza o termo designação, o que corresponde ao primado do outro. Designação é “um conjunto de atos que se prolongam na linguagem e nos comportamentos significativos do entorno [...] uma designação contínua ou de uma verdadeira prescrição” (Laplanche, 2015, p.171). Podemos compreender como designação este conjunto de atos que vão sendo acatados ao longo da história dos sujeitos, e ela ocorre no núcleo familiar que se insere no social, o que Laplanche (2015) denomina “socci próximos”.

Esse conjunto de atitudes, crenças e valores que vão orientar o sujeito são conquistados por meio do processo de identificação. Laplanche e Pontalis (2001) definem identificação como “processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações”. (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 226). Neste sentido, a identificação é concebida como um mecanismo no qual os sujeitos vão se constituindo tanto como masculinos, femininos ou outras designações de gênero, a partir do outro, na cultura. Linguagens, cuidados corporais, os códigos sociais, passam então a serem mensagens de designação do gênero, na qual os sujeitos se identificam por meio destes ruídos inconscientes que envolvem a compreensão e performance de gênero. Como exemplo, há uma diferença na constituição subjetiva das fantasias dos meninos e das meninas, Prioste (2016) argumenta que, enquanto as meninas têm fantasias ligadas ao amor ou à celebridade, os meninos possuem fantasias de destruição do objeto.

Tendo em vista os processos identificatórios descritos pela psicanálise, pode-se definir masculinidade como:

[...] lugar simbólico/imaginário de sentido estruturante nos processos de subjetivação [...] na qualidade de estrato constitutivo e articulado no *socius*, apresenta-se como uma significação social, um ideal culturalmente elaborado ou sistema relacional que aponta para uma ordem de comportamentos socialmente sancionados. (Oliveira, 2004, p.13).

À medida que essa “ordem de comportamentos socialmente sancionados” articula os sujeitos a uma masculinidade associada a conceitos como “virilidade, força, coragem, capacidade de combate, o “direito” à violência e aos privilégios associados à dominação” (Molinier; Welzer-lang, 2009, p. 101), faz-se necessário elucidar como se dão estes processos de subjetivação, resultando assim em uma desnaturalização de características imperativas associadas aos sexos.

No âmbito da sociologia, gênero é uma construção social que se faz nas interações sociais que os seres humanos estabelecem diariamente. Dessa forma, feminilidades e masculinidades são gêneros que não podem ser compreendidos isolada e fundamentalmente, não são produtos do sexo biológico dos indivíduos.

Feminilidade e masculinidade na sociologia e na antropologia dos sexos “designam as características e as qualidades atribuídas social e culturalmente aos homens e às mulheres. Masculinidade e feminilidade existem e se definem em sua relação e por meio dela” (Molinier; Welzer-lang, 2009, p. 101). A concepção de masculinidade também tem sido intrinsecamente associada ao conceito de virilidade, no sentido de um conjunto de atributos sociais vinculados ao homem e que incluem força, coragem, direito à violência, dominação, privilégios, além da forma erétil do órgão sexual.

É importante ressaltar que os estudos sobre masculinidades, aqueles que não se restringem à compreensão do papel opressor dos homens na sociedade, parecem ser escassos, ou seja, estudos que apontem, portanto, a relação social entre estes sexos.

Segundo Giddens (2007),

Pouco se fez para analisar a masculinidade, a experiência de se ser homem ou a formação das identidades masculinas. Os sociólogos preocupavam-se mais em compreender a opressão dos homens sobre as mulheres e o seu papel na manutenção do patriarcado (p. 120).

Contudo, a partir da década de 80, estudos críticos sobre a masculinidade sugerem e articulam mudanças substanciais nos papéis que afetavam as mulheres e os padrões de família nas sociedades industrializadas, alguns questionamentos passaram a pautar reflexões sobre a natureza da masculinidade. Nesse sentido, identificam-se maiores investigações sobre os significados de ser homem na sociedade contemporânea, e como estes significados foram sendo construídos ao longo da história (Giddens, 2007).

Para tanto, Oliveira (2004) define masculinidade como: “lugar simbólico/imaginário de sentido estruturante nos processos de subjetivação [...] na qualidade de estrato constitutivo e articulado no *socius*, apresenta-se como uma significação social, um ideal culturalmente elaborado ou sistema relacional que aponta para uma ordem de comportamentos socialmente sancionados” (p. 13). Ou seja, masculinidades podem ser definidas no âmbito da sociologia como um lugar social que constitui e articula os sujeitos, existe, portanto, um ideal elaborado para os comportamentos.

Em o “Dicionário crítico do feminismo”, Hirata, Labore e Senotier (2009) indicam que, na Sociologia e na Antropologia dos sexos, os gêneros femininos e masculinos “designam características e as qualidades atribuídas social e culturalmente aos homens e às mulheres” (p. 101). Nessa obra, masculinidade é associada com o conceito de virilidade, o qual possui dois sentidos:

1) os atributos sociais associados aos homens e ao masculino: a força, a coragem, a capacidade de combater, o “direito” à violência e aos privilégios associados à dominação daquelas e daqueles que não são – e não podem ser – viris: mulheres, crianças; 2) a forma erétil e penetrante da sexualidade masculina. A virilidade, nas duas acepções do termo, é aprendida e imposta aos meninos pelo grupo dos homens durante sua socialização, para que eles se distingam hierarquicamente das mulheres. A virilidade é a expressão coletiva e individualizada da dominação masculina. (Hirata, Labore & Senotier, 2009, p. 101).

Nesse sentido, no campo Antropológico e Sociológico, o termo masculinidades assume análises das relações sociais dos sexos, nas quais homens e mulheres devem ser pensados um em relação ao outro. As características e qualidades social e culturalmente atribuídas aos homens estão relacionadas, portanto, à força, virilidade, dominação e hierarquização.

Após compreender brevemente o significado do conceito de masculinidades no campo teórico-sociológico e antropológico, retomamos o conceito citado anteriormente de “crise da

masculinidade”. Silva (2006) argumenta que as reflexões desta “crise da masculinidade” podem ser observadas pelos seguintes fatores:

[...] a criação de clubes de recuperação da masculinidade (bem mais próximo do modelo tradicional) e grupos de discussão e de psicoterapia constituídos exclusivamente por homens, em busca de um novo modelo de masculinidade. Outro sinal dessa crise estaria na compreensão de uma “feminilização do masculino”, na maior visibilidade da homo e bissexualidade entre os homens, assim como drag-queens, travestis e transexuais conformariam figuras possíveis na constituição das subjetividades masculinas (p. 119).

No Brasil, podemos citar alguns projetos e iniciativas de homens que se reúnem para discutir os novos modelos de masculinidades, contrapondo-se ao uma “masculinidade tóxica”. Tem-se como exemplo alguns projetos:

- “Homens em conexão”:² com origem em Brasília, tem como objetivo realizar encontros para “alcançar cada vez mais homens e oferecer a eles o mesmo espaço de força, confiança e amorosidade masculina”. O grupo teve início em outubro de 2018 após um evento organizado pela Casa dos Homens, no qual 40 homens, entre 20 e 60 anos, se reuniram para assistir o documentário *The Mask you live in*.
- “Papo de pai”:³ originado em Mogi das Cruzes–São Paulo, é uma comunidade de pais que tem como objetivo “incentivar e fomentar a mudança de comportamento dos homens, para que não se limitem ao confortável e desigual papel de coadjuvante na criação de seus filhos”.
- “Refletindo masculinidades”:⁴ originado em Florianópolis, é um grupo que surgiu a partir da campanha “A UFSC diz não a violência contra a mulher” e se propõe também a refletir e ressignificar a associação masculinidade/violência e possibilitar a “vivência das masculinidades e/ou modo de ser homem”
- “E agora José?”:⁵ localizado em Santo André - São Paulo, é uma parceria da Secretaria de Políticas para as Mulheres com o Tribunal de Justiça–Comarca de Santo André e a

² <https://www.homensemconexao.com.br>, recuperado em 29 de junho, 2020.

³ <https://papodepai.com/>, recuperado em 29 de junho, 2020.

⁴ <https://saad.ufsc.br/2018/06/07/refletindo-masculinidades/>, recuperado em 29 de junho, 2020.

⁵ <https://sites.google.com/view/programa-e-agora-jose/e-agora-jos%C3%A9>, recuperado em 29 de junho, 2020.

Coordenadoria de Reintegração Social e Cidadania da Secretaria Estadual da Administração Penitenciária. O programa se constitui como um grupo sócioeducativo com homens autores de violência doméstica contra as mulheres oferecendo cursos sobre gênero e masculinidades.

O documentário “O silêncio dos homens” também se configura como um exemplo das discussões de novos modelos do masculino, pois pretende investigar os obstáculos, valores e qualidades nos processos de mudança dos homens. A produção audiovisual é uma iniciativa de um projeto do Instituto Papo de Homem (PdH). A produção foi fruto de um estudo nacional com mais de 40.000 pessoas e teve o apoio institucional da ONU Mulheres.

Nessa ótica, podemos relacionar a “crise da masculinidade” com o mal-estar da cultura, conceitos cunhados por Freud em “O Mal-estar na civilização” (Freud, 1930). Para Prioste (2006), o termo mal-estar é “usado por Freud para designar sinais de angústia” (p.

142). O termo angústia pode ser denominado como “um produto do estado de desamparo psíquico” (Laplanche, 2001, p.27).

Portanto,

A crise da masculinidade contemporânea se configura a partir de um conflito identitário vivido pelo homem. No nosso entender, esse conflito se constitui a partir de dois momentos distintos: primeiro, a partir da tentativa de se manter um modelo de identidade de gênero hegemônico e, ao mesmo tempo, pluralista, ora baseado em modelos tradicionais, ora em modelos modernos de masculinidade, e segundo, a partir da impossibilidade de sustentar essa hegemonia no que se refere às subjetividades da maioria dos homens. (Silva, 2006, p. 120).

A Organização Pan-Americana de Saúde e a Organização Mundial de Saúde, no documento “Masculinidades y Salud en la Región de las Américas (OPS/OMS, 2019) que tem como objetivo pensar as implicações da masculinidade para a saúde do homem, articulam esse termo à sua construção social e à forma como pode afetar a saúde dos homens. Nesse sentido, por meio de uma socialização na masculinidade hegemônica, alguns fatores de risco podem ser observados:

1) Em relação a mulheres e crianças (violência, abuso de substâncias psicoativas, infecções sexualmente transmissíveis, gravidez forçada, paternidade ausente e falta de corresponsabilidade no lar). 2) Em relação a outros homens (acidentes, homicídios e outros, transmissão de HIV / AIDS). 3) Em relação a si mesmo (suicídio, acidentes, alcoolismo e vícios e doenças psicossomáticas). (OPS/OMS,2019, p.4, *tradução nossa*⁶).

Ou seja, fatores de risco que se dividem em 3 eixos, em uma tríade de comportamentos prejudiciais, partindo dos homens: em relação às mulheres e crianças, a outros homens e a eles próprios. Em relação às mulheres e crianças, há uma tendência à glorificação da violência, sexismo, misoginia, uma paternidade ausente ou inexistente, objetificação sexual e concepções rígidas de gênero que parecem criar uma heteronormatividade como imperativa na socialização masculina.

No que diz respeito aos comportamentos prejudiciais para com as mulheres, podemos citar no âmbito dessa pesquisa, a violência contra a mulher na universidade. Cabe destacar o contexto de mobilizações contra os assédios ocorridos no ambiente universitário:

A violência contra a mulher, além de ser um fenômeno constante, está cada vez mais presente na vida de jovens universitárias [...] observa-se um ‘avanço’ desenfreado em diversos campi universitários espalhados pela vastidão do país, onde se realizam: os ‘troles violentos’, os assédios sexual e moral, além de estupros, e em algumas situações chegou-se ao assassinato. (Bandeira, 2017, p. 51-52).

A autora argumenta que a violência nas universidades é um fenômeno insidioso e “invisível”, o que corrobora com o relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito constituída pelo Ato nº 56, de 2014, com a finalidade de "investigar as violações dos Direitos

Humanos e demais ilegalidades ocorridas no âmbito das Universidades do Estado de São Paulo a partir dos chamados 'troles', festas e no seu cotidiano acadêmico", à medida que apresenta casos de assédio, violência sexual, práticas ofensivas à moral e à dignidade das mulheres.

⁶ 1) Hacia las mujeres y los niños (violencia, abuso de sustancias psicoactivas, infecciones de transmisión sexual, embarazos forzados, paternidad ausente y falta de corresponsabilidad en el hogar). 2) Hacia otros hombres (accidentes, homicidios y otros, transmisión del VIH/sida). 3) Hacia sí mismo (suicidio, accidentes, alcoholismo y adicciones, y enfermedades psicossomáticas).

Os referidos casos revelam que, de alguma forma, houve uma falha no dever fundamental do Estado de “proteção aos estudantes que ingressam nas universidades e faculdades em geral violando-lhes seus direitos mais básicos e essenciais, como os direitos à vida, à liberdade, à integridade física e moral e à segurança” (Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2015, p.39-44).

A violência contra as mulheres na universidade é, portanto, um fenômeno constante que se manifesta por meio de violências tanto explícitas como insidiosas. Neste ponto, faz-se necessário destacar a negligência na proteção às estudantes e as falhas das próprias universidades na construção de diretrizes que objetivem orientar as ações de combate aos casos de violência.

Maito et al. (2019) apresenta essas falhas na proteção contra a violação de Direitos por parte das universidades e a intensificação da mobilização em busca da construção de diretrizes de combate a violência realizada pelo movimento feminista universitário. As discussões também ganharam intensificação em espaços não formais, como as redes sociais. Algumas universidades no Estado de São Paulo são citadas em perfis na plataforma

Facebook, denominados “Ele é da UNESP Araraquara” e “Ele é da USP”. Os perfis têm como intuito expor possíveis casos de violência contra as mulheres nas universidades.

Frente às transformações sociais, econômicas, políticas e psíquicas, faz-se necessário compreender de que maneira são imputados aos gêneros modos de funcionamento e como isso interfere nas relações humanas. Esse cenário de transformações são mobilizados possivelmente por fatores como a ampliação do movimento feminista do final da década de 60, bem como a visibilidade do movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersex (LGBTI), ou seja, o acirramento dos debates sobre sexo e gênero acaba por implicar novas significações para a instituição de novas formas de subjetivação tanto das figuras femininas como das masculinas.

Outro fator importante no cenário de transformações é a economia de consumo, na qual,

A passagem de uma economia baseada na produção, no patrimônio, na acumulação de bens ou na exploração do trabalho operário para uma economia de consumo implicou uma nova significação da regulação libidinal das massas. Se na economia de produção a libido era regulada pelas instituições disciplinares representadas por família, igreja, escola e estado, na economia de consumo ela passa a ser mediada pelo mercado. (Prioste, 2016, p.88).

Para Prioste (2016), as pulsões individuais deixam de ser alvo de uma repressão e passam a ser exploradas pelo mercado. Ou seja, a lógica econômica não mais exige a internalização do Supereu, o sacrifício das pulsões individuais imediatas face a lei e a norma, mas sim, a possibilidade de gozo imediato. A vivência em uma sociedade fragmentária, de gozo imediato e mortífero acarreta, portanto, o mal-estar do desejo, termo destacado pela autora. O que isso significa? Prioste (2016), considera que as transformações econômicas e socioculturais, especificamente da incidência da indústria cultural e dos mecanismos ideológicos na formação do sujeito, têm contribuído para a emergência dos chamado “mal-estar” dos desejos desmedidos, que atravessam o sujeito, desorientando-os em diversos aspectos de sua sexualidade e das relações intersubjetivas.

Somam-se a estas transformações o adoecimento psíquico dos sujeitos. Para Dockhorn e Macedo; Staudt (2008; 2007, citado por Silva & Macedo, 2012, p. 2005), os sujeitos contemporâneos estão inseridos em dinâmicas marcadas por “instabilidade, pela vigência do efêmero, do fragmentário, do caótico, deparam-se com novas demandas psíquicas, políticas e sociais” que são marcadas pelas indagações e reconstruções a respeito de novas formas de ser e estar no mundo. As novas dinâmicas decorrentes desta instabilidade, pelas relações fragmentárias e caóticas podem ser relacionadas, portanto, ao termo mal-estar, “usado por Freud para designar sinais de angústia” (Prioste, 2006, p. 142).

Diante deste cenário de transformações políticas e socioculturais e, consequentemente transformações psíquicas, constata-se que os sujeitos do sexo masculino estão atravessando a “crise da masculinidade”, dito de outra forma, se historicamente as noções de domínio, força e virilidade eram atribuídas aos homens, atualmente novas concepções ganham espaço para identificar estes sujeitos, ou seja, percebe-se uma diversidade possível composta pelo universo masculino (Monteiro, 2013).

Além da expressão “crise da masculinidade”, nos últimos anos têm sido comum o uso da expressão “masculinidade tóxica” e de seus efeitos deletérios nas relações intersubjetivas, bem como na saúde mental do homem, já referida anteriormente. Neste sentido, os questionamentos em relação ao que significa masculinidades, parece estar ainda mais presente. Monteiro (2013) demonstra que, apesar da crise de masculinidade se instalar como ponto inicial para as reflexões da diversidade de expressões masculinas, as concepções que mantêm os atributos engendrados no “homem de verdade”, aquele que reproduz violência, força e virilidade, parecem coexistir.

O Movimento ElesPorElas (HeForShe), criado pela Organização das Nações Unidas, (ONU) Mulheres, uma Entidade das Nações Unidas que visa a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres, se configura como um exemplo de esforço global para envolver homens e meninos nos questionamentos e enfrentamentos aos atributos de uma masculinidade tóxica, tendo como objetivo o engajamento dos homens e meninos para novas relações de gênero, eximidas de atitudes e comportamentos machistas.

Nesse sentido, podemos supor que uma das barreiras para superação da violência masculina contra as mulheres, centra-se principalmente nas concepções de masculinidade socialmente disseminadas e introjetadas de diversas maneiras, que vão desde aspectos inconscientes, transmitidos de geração à geração, até práticas comunitárias, religiosas, hábitos e valores difundidos por diversas instituições que exercem função socializadora ou de formação de opinião, por exemplo as mídias.

Alguns dados sobre a persistência, e até mesmo o aumento da violência contra as mulheres no Brasil, bem como dados sobre a índices de suicídio masculinos podem auxiliar a dimensionar o problema. De acordo com o Atlas da Violência de 2019, houve um crescimento expressivo de 30,7% no número de homicídios de mulheres no país, durante o período de 2007 a 2017. O Atlas (2019) distingue ainda, o aumento da violência de forma expressiva na população de mulheres negras. Citam: “enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras teve crescimento de 4,5% entre 2007 e 2017, a taxa de homicídios de mulheres negras cresceu 29,9%”. (Fórum Brasileiro de Segurança Pública - FBSP, 2019, p.38).

A maioria dos crimes letais cometidos contra mulheres, de acordo com a literatura internacional, ocorre dentro das residências e são perpetrados por conhecidos ou pessoas íntimas das vítimas (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA; FBSP, 2019). Essas informações possibilitam o questionamento: em que medida as concepções de masculinidade formadas por crenças, relativas aos ideais de força e de agressividade, teriam conexão com tais violências?

Com as medidas de isolamento social adotadas em relação à Coronavirus Disease - SARS-CoV-2 (Covid-19), os riscos à vida das mulheres têm aumentado, acarretando uma série de consequências para as situações de violências contra as mulheres no Brasil e no mundo. Segundo o FBSP (2020, p.15),

Os números de feminicídios e homicídios femininos apresentam crescimento, indicando que a violência doméstica e familiar está em ascensão. Em São Paulo o

aumento dos feminicídios chegou a 46% na comparação de março de 2020 com março de 2019 e duplicou na primeira quinzena de abril (p. 15).

É possível inferir, também, que as concepções de masculinidade vinculadas à violência e à heteronormatividade podem afetar o comportamento masculino em relação à população incluída na denominação LGBTI. Dados divulgados pelo Grupo Gay da Bahia em 2019, ressaltam a evolução e agravamento de mortes violentas no Brasil entre o ano de 2000 a 2019. Em 2000 o número de vítimas era 130, já em 2019 foram contabilizados 329 casos, no total, 4.809 cidadãos e cidadãos brasileiros foram vítimas mortais.

Segundo o Atlas da Violência (2019), há 39 anos o Grupo Gay da Bahia realiza uma pesquisa em relação ao número de pessoas assassinadas por questões homofóbicas e transfóbicas, com base em notícias publicadas na imprensa, na internet e informações pessoais compartilhadas com o grupo.

Sem desconsiderar o fato de que o local mais perigoso para as mulheres é o próprio domicílio, também podemos supor que os diferentes espaços ocupados pelas mulheres nas últimas décadas, podem ter se tornado palco de várias formas de violência explícita ou implícita, e um desses espaços é a universidade.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Avon e Data Popular (2015) com discentes de todo o país (Brasil), revelou que 67% das entrevistadas relatam já ter sofrido algum tipo de violência (sexual, psicológica, moral ou física) no ambiente universitário, praticada por um homem. 42% das entrevistadas afirmaram já terem sentido medo de sofrer violência neste ambiente, e 36% já deixaram de realizar alguma atividade na universidade por medo de sofrer violência.

Dado este contexto, formas de combate à violência contra as mulheres podem ser citadas: a Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB) de 1988, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) de 1948, as Convenções Internacionais, como exemplo, a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW), de 1979. O documento foi o ápice de décadas de esforços internacionais, visando a proteção e a promoção dos direitos das mulheres de todo o mundo. A convenção propõe trabalhar em duas frentes: promover os direitos das mulheres na busca por igualdade de gênero, e reprimir quaisquer discriminações contra mulheres nos estados- parte.

O paradoxo se encontra, entre os vários meios de legitimação dos direitos existentes no Brasil internacionalmente, entretanto a violência contra as mulheres aparece de forma

institucionalizada e presente nos mais diversos seguimentos da sociedade. Pode-se afirmar, à vista disso, que homens e mulheres são objetos inesgotáveis de análise, bem como se dá a formação destas subjetividades.

Em relação ao fator de risco da tríade mencionada aos comportamentos dos homens para com outros homens, inclui-se acidentes, homicídios e transmissão do vírus da imunodeficiência humana HIV/AIDS. O último fator da tríade de risco mencionado pelo estudo da OPS/OMS (2019) compreende a relação dos homens a si mesmos, fatores como autossuficiência, competitividade, individualismo, suicídios, acidentes, adicção e doenças psicossomáticas intrincados na subjetivação, articulam uma socialização masculina que afeta a saúde dos homens.

Os indicadores de mortalidade apresentados pela OPS/OMS (2019) constataam que os homens tendem a morrer 718,8/100.000 em comparação com 615,1/100.000 mulheres. O documento ainda associa as causas das mortes, bem como os fatores de risco como reflexos de uma conduta esperada pela masculinidade hegemônica com expressões tóxicas.

O interesse sobre o tema da constituição das subjetividades masculinas é, portanto, extremamente pertinente, visto que a socialização da masculinidade na contemporaneidade inclui a possibilidade de comportamentos prejudiciais aos homens em relação a si mesmos, aos outros homens, às mulheres e crianças, ou seja, a sociedade como um todo.

2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA E DESCRIÇÃO DO CASO

A presente pesquisa teve o objetivo de investigar as concepções de masculinidades em um grupo de jovens universitários que se reuniam em repúblicas estudantis para discutir temas pertinentes ao universo masculino. O grupo passou a realizar reuniões no ano de 2019, de forma independente e autônoma, mobilizados por questões como: a construção da masculinidade acarreta consequências para os próprios homens, quanto para outros gêneros?

Em face dessa circunstância, sabe-se que, no contexto da universidade, denúncias de assédio eram efetuadas pelas mulheres universitárias, tendo como principal meio de disseminação as redes sociais. Nesse sentido, os estudantes do gênero masculino relataram que adotavam medidas punitivas autônomas em relação aos assédios nos diversos ambientes universitários. É possível inferir que surge uma demanda de inclusão destes homens em um movimento social convidativo à reflexão e a mudanças estruturais, provocados possivelmente pelas discussões feministas, especialmente em relação a essas denúncias de situações assédio em relação às mulheres.

O grupo parece surgir então como uma forma de resposta dos homens à questão do assédio, uma medida de adentrar em um movimento que se propõe a repensar as próprias posturas de sujeitos subjetivados nas concepções de masculinidades.

As discussões eram realizadas de acordo com a relação dos gêneros, ou seja, dos homens em relação às mulheres, em uma perspectiva relacional na qual o foco estava nas concepções que estes possuíam sobre masculinidade e como essas concepções poderiam interferir nos relacionamentos intersubjetivos.

O foco do grupo, portanto, não eram as discussões sobre a realidade das mulheres vítimas de violência e assédio na universidade, mas a própria construção das masculinidades. Observa-se, dessa maneira, um movimento de autorreflexão. Nesse sentido, a demanda pela formação do grupo também surgiu à medida que esses homens começaram a admitir o sofrimento psíquico que envolve as concepções de masculinidades e o próprio machismo.

Isso posto, cabe explicar que o presente trabalho se vale da pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, caracterizada como estudo de caso, pois buscou focalizar determinados acontecimentos contemporâneos de maneira detalhada. Pesquisas exploratórias têm como um dos principais objetivos proporcionar aproximações a determinados fatos, especialmente quando o tema é pouco explorado (Gil, 2014), sendo utilizada pelos pesquisadores sociais com

os propósitos de explorar, descrever e explicar “o estudo de caso é composto pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado” (Gil, 2014, p.57).

Para Yin (2005), o delineamento desse tipo de investigação corresponde a um estudo empírico que “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (p.32). Desse modo, a opção por um “estudo de caso” decorre do fato de as questões sobre masculinidades parecerem não ser amplamente discutidas no âmbito científico. Welzer-Lang (2001) esclarece que apesar de encontrarmos pesquisas sobre o masculino, algumas discussões são recentes. Tradicionalmente, o debate sobre masculinidade enfocava o sistema de dominação contra as mulheres e raramente se contextualizava a partir das problemáticas de gênero.

O percurso da pesquisa ocorreu por meio das seguintes fases:

- 1- Revisão de literatura sistematizada da área para o aprimoramento teórico e delimitação do quadro teórico conceitual psicanalítico que fundamenta esta investigação.
- 2- Concomitantemente à revisão de literatura, organizou-se procedimentos éticos necessários ao desenvolvimento do estudo, sendo estes:
 - a) Cadastro do projeto na plataforma Brasil e envio ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara-UNESP, para que fosse devidamente aprovado para realização (Anexo A).
 - b) Contato e solicitação de autorização dos participantes da pesquisa, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B). Neste termo, foram explicitados os objetivos da pesquisa e salientados os cuidados éticos como: garantia de sigilo e anonimato, participação voluntária e possibilidade de desligamento da pesquisa a qualquer momento julgado conveniente, sem prejuízo algum.
 - c) Coleta de informações após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara-UNESP.
 - d) Análise das informações por meio da técnica de análise temática (Bardin, 2000).
 - e) Interpretação dos dados pela ótica da teoria psicanalítica.

Para coleta de informações foi utilizada a técnica de entrevista em grupo, especificamente o grupo focal. Segundo Gil (2014), esse tipo de estratégia é conduzido pelo pesquisador, que atua como moderador do funcionamento do grupo. Segue-se a seguinte dinâmica: “o moderador inicia a reunião com a apresentação dos objetivos da pesquisa, e das regras para a participação. O assunto é introduzido com uma questão genérica, que vai sendo detalhada” (Gil, 2014, p.115).

Para a técnica de grupo focal foi elaborado um roteiro (Apêndice A) com o intuito de guiar a condução do grupo, tendo em vista que outros elementos da dinâmica grupal poderiam modificar essa condução previamente estabelecida. Trata-se de uma perspectiva heurística de pesquisa, na qual a investigação esteve aberta às hipóteses que poderiam emergir no contexto empírico.

Inicialmente, ocorreu a apresentação da proposta da pesquisa ao grupo, incluindo o título do trabalho, a linha de pesquisa, os objetivos, o modo de funcionamento do grupo focal e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após os esclarecimentos, os participantes foram informados sobre os seguintes pontos: a) vocês são livres para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhes ocasionam constrangimento de qualquer natureza; b) vocês poderão deixar de participar da pesquisa, sem necessidade de justificativas, e não serão penalizados por essa decisão; c) suas identidades serão mantidas em sigilo; não haverá divulgação da cidade nem dos locais onde serão coletadas as informações; d) vocês poderão ser informados de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.

Foi reiterada também a importância de que os participantes dialogassem sobre os questionamentos de acordo com suas próprias formas de pensar, e não como acham que deveria ser. Explicitou-se que não havia respostas corretas ou erradas. As questões norteadoras foram as seguintes:

- Quais as concepções e referências do “ser homem” para você?
- Você consegue identificar formas de sofrimento na sua experiência em relação às concepções de masculinidade? Se sim, quais?
- Quais instituições você considera formadoras das concepções que você tem sobre masculinidade?
- Como essas concepções de masculinidades interferem nas suas escolhas pessoais, na sociabilidade e nos relacionamentos amorosos?

É importante explicitar que essas questões foram conduzidas paulatinamente, nos dois encontros ocorridos, de maneira que o grupo pudesse debatê-las com tranquilidade. A interpretação e análise dos relatos foi pautada pela perspectiva de análise de conteúdo descrita por Laurence Bardin (2000). Segundo a autora, a análise de conteúdo é um conjunto de métodos em constante aperfeiçoamento que se aplicam a discursos diversificados, é uma “hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência.” (Bardin, 2000, p.9). O esforço de interpretação se dá por meio de dois polos, o da objetividade e o da subjetividade, o investigador terá a possibilidade de compreender o “latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem”. (Bardin, 2000, p. 9). Os relatos também serão interpretados por meio da perspectiva da psicanálise e dos teóricos utilizados no estudo.

2.1 Perfil do público pesquisado: quem são os jovens estudados?

A peculiaridade do caso estudado se refere à iniciativa de um grupo de homens que se reuniam com determinada frequência, com a finalidade de repensar questões pertinentes ao masculino, e refletirem sobre comportamentos em relação às mulheres e aos próprios homens nos diversos ambientes frequentados por universitários. A motivação para a composição do grupo, de acordo com eles, esteve relacionada ao desejo de compreender como a construção de paradigmas do “ser homem” afetavam seus relacionamentos interpessoais. O ímpeto para a formação do grupo também parece estar relacionado à necessidade de “fazer alguma coisa” em face da organização efetiva das mulheres, ou seja, o grupo surge como uma necessidade de participar das transformações em direção à igualdade de gênero. O grupo formou-se também em função das discussões feministas e de denúncias que surgem na universidade sobre situações abusivas em relação às mulheres causadas por homens universitários.

Após o convite dos universitários para participar como mediadora e psicóloga em um dos grupos, foi possível realizar uma aproximação da demanda e compreender o modo de funcionamento de suas iniciativas, assim como, por fim, realizar o convite para a participação na pesquisa.

Este grupo foi formado a partir do convite a 24 repúblicas universitárias, das quais 19 concordaram com a proposta, mas somente 12 participavam ativamente do que os universitários nomeavam como “reuniões”. Os encontros ocorriam em periodicidade

quinzenal, em local determinado a cada reunião, nas próprias repúblicas. A cada encontro, uma república era selecionada para ceder o espaço da residência para a próxima reunião.

Os encontros que fizeram parte da presente pesquisa tiveram início no dia 24 de outubro de 2019. Participaram dos grupos focais 19 jovens universitários, homens, residentes em repúblicas, com idade entre 20 e 28 anos, regularmente matriculados em uma instituição de ensino superior pública do Estado de São Paulo. Todos os participantes se enquadram na categoria cisgênera, com orientações sexuais hétero e homoafetiva.

Foram realizados dois grupos com duração máxima de 1 hora e 20 minutos. Os materiais utilizados para a coleta consistiram em diários de campo para anotações do prosseguimento do grupo, gravador de voz, bem como computador para transcrição na íntegra dos diálogos do grupo (Anexo D).

A primeira etapa da análise do conteúdo foi realizada por uma leitura flutuante da transcrição dos encontros. A partir dessa primeira leitura foi possível organizar os conteúdos das respostas dos homens universitários em um sistema de categorias que tiveram o intuito de traduzir as ideias-chaves dos participantes. As categorias de análise foram criadas de acordo com as falas dos participantes durante o grupo focal por meio dos questionamentos norteadores. A análise pretende se apoiar na constituição do sujeito e nos conflitos psíquicos ocasionado pelos padrões de masculinidades existentes e que constroem uma masculinidade tóxica.

2.1.1 Fatores transferenciais e descrição dos grupos focais

Por meio de uma escuta baseada em pressupostos psicanalíticos, deve-se considerar o fator da transferência durante o desenvolvimento do grupo. Para a psicanálise, a transferência designa: “o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada” (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 514). Dessa forma, apesar das inúmeras definições assumidas por diversos autores da psicanálise, o conceito converge para o conjunto de fenômenos que estabelecem a relação do paciente com o psicanalista.

Considerando o que afirma Freud (2017), no texto “Sobre a dinâmica da transferência (1912)”, é a partir da região em que se instaura a resistência que ocorre a transferência, visto que “se algo da matéria do complexo (o conteúdo do complexo) for adequado para ser transferido à pessoa do médico, então se dá essa transferência, resultando na ideia seguinte e anunciando-se através dos sinais de uma resistência, por exemplo, como uma interrupção” (Freud, 2017, p. 113).

Para Laplanche (1993, p. 7), a partir de Lagache (1980) o dispositivo da transferência pode se reagrupar em dois agentes, a disposição e a influência do “meio” analítico. A disposição diz respeito à universalidade da repetição de condutas, atividades e afetos que estão presentes na concepção do conceito e integram todos os sujeitos e não são específicas a constituições neuróticas. Já a influência do meio equivale-se à situação a que estes sujeitos estão submetidos em um ambiente de análise.

Nesse sentido, considera-se que o grupo de homens, apesar de não se constituir como um setting terapêutico, pode ter contribuído para a produção de transferência com a figura da psicóloga. A condição de um sujeito constituído a partir do feminino pode ter retomado e repetido a relação que estes homens estabelecem com outras mulheres. Observou-se, por conseguinte, certo silenciamento ou não ditos dos participantes em relação à violência contra as mulheres.

Entretanto, uma das posturas que poderia deixar evidente o fator da transferência durante os grupos seria justamente o relato dos participantes de que a figura da psicóloga tem significação positiva, pois se sentiam “mediados” e as discussões sobre eles mesmos ganhavam “aprofundamento”. O que isso poderia indicar? Em termos interpretativos, sabe-se que a cadência do diálogo demonstrou certa necessidade de que um Outro, neste caso, dentre as figuras do Outro, estão também as mulheres, poderiam exercer um papel de mediação ao “não saber” como se comportar, “não saber” se os comportamentos se configuram ou não como machistas, “não saber” como se comportar de forma contrária a uma masculinidade que deve “prover”.

Retomando Laplanche (2003, p. 55), a transferência é:

“provocada”, criada pela situação analítica que confronta o analisando ao enigma: seu enigma interno, mas, também, o enigma do outro. Nesse sentido, a transferência analítica não tem nenhuma relação, em sua essência, com uma simples

transferência de hábitos. Ela recoloca o sujeito na situação originária, a da gênese do sexual infantil.

Dessa forma, a situação “analítica” do grupo pode ter atualizado a fantasia de que, de alguma forma, a figura feminina da psicóloga detém o “não saber” dos participantes e poderia auxiliar o aprofundamento das discussões. Logo, é o Outro que pode saber, o que demonstra os primórdios de uma incompletude constitutiva e a indiferenciação inicial do eu e não-eu, no qual os sujeitos se ancoram no desejo e no cuidado do Outro.

Estabelecida a importância de considerarmos o fator da transferência nos grupos focais, o primeiro grupo, datado de 29 de novembro de 2019, contou com 17 participantes universitários. O segundo grupo, realizado na periodicidade quinzenal, contou com 6 participantes. Os dois grupos tiveram participantes homens, cisgêneros, de orientação homossexual e heterossexual. O local determinado para a coleta de informações da pesquisa, sendo uma das repúblicas estudantis na qual residem os participantes, foi determinado pelos próprios universitários.

O grupo foi conduzido em dois momentos distintos: inicialmente houve a apresentação da pesquisadora, dos objetivos da pesquisa, bem como da forma como ocorreriam os grupos focais. No segundo momento, iniciaram-se as questões propostas pela pesquisa. A condução inicial ocorreu da seguinte forma:

“Meu nome é Alessandra Maria Cardoso da Silva, sou psicóloga e pesquisadora. Fui convidada para acompanhar alguns encontros do grupo e gostaria de lhes convidar a participar de um grupo focal que faz parte da coleta de dados da pesquisa: “Concepções de masculinidades em um grupo de jovens universitários: aspectos familiares, estudantis e midiáticos”, que integra o Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras–Unesp / Araraquara, curso de mestrado profissional. O projeto está inserido na linha de pesquisa “Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade”, sob orientação da Profª. Drª Cláudia Dias Prioste. Esta linha de pesquisa tem por objetivo investigar questões históricas e sócio-antropológicas da sexualidade e da educação sexual.

O estudo visa identificar as concepções de masculinidades e analisar como estas concepções podem interferir em seus relacionamentos intersubjetivos. O grupo será esclarecido sobre os tópicos do consentimento livre-esclarecido que deverá ser lido e assinado por aqueles que concordarem em participar.

A proposta da pesquisa foi apresentada na forma de leitura coletiva, tendo sido explicitados as possibilidades de recusa à participação, o sigilo e a devida informação dos resultados obtidos independente do consentimento em participar da pesquisa. Os universitários também foram informados sobre a metodologia do grupo focal, na qual a pesquisadora realizaria uma entrevista com os participantes, tendo como papel a moderação do grupo. É importante ressaltar que os participantes foram prevenidos de que não havia respostas precisas ou errôneas, a participação no grupo era, justamente, para compreender quais as considerações dos universitários sobre a temática. Após a exposição da pesquisa, foi solicitado aos participantes que se apresentassem para o grupo, com o objetivo de que este momento pudesse criar certa vinculação grupal.

Após este primeiro momento, foi introduzido o primeiro questionamento do grupo focal: *Quais as concepções e referências do “ser homem” para você?* em seguida, os próximos questionamentos foram introduzidos tendo em vista a construção das respostas dos estudantes, visando a não produzir interferências ou direcionamentos das falas. As próximas questões só eram introduzidas, a partir de uma inclusão e uma ligação com a própria narrativa que estava sendo construída pelos participantes ou quando o diálogo sobre a temática estava concluído no momento.

O exame das informações coletadas nos dois (2) grupos focais com homens universitários serviu-se da análise temática do texto. Segundo Bardin (2000), na análise temática ocorre a “contagem de um ou vários temas ou itens de significação numa unidade de codificação previamente determinada” (p. 77).

Foi possível organizar três (3) categorias que abrangem as “concepções de masculinidades”. À vista disso, as categorias estão representadas por “influências psicossociais”; “conflitos intrapsíquicos e interpssíquicos”; e “elementos corporais simbólicos”, cujas temáticas implicadas correspondem às influências que compõem a constituição desses sujeitos, os conflitos decorrentes de exigências internas contrárias e os elementos corporais que dão unidade, corpo à masculinidade.

Dessa forma, a tabela a seguir apresenta a categorização final, a qual se agrupa em “concepções de masculinidades”, categorizadas em influências, conflitos e o corpo. As categorias abrangem as subcategorias, segmentadas em: família, escola, religião, mídia, mulheres feministas, movimento LBGTQIA+; interdições, obrigações, mudanças; escroto, pênis/falo e pelos corporais. A tabela 2 representa o processo final de categorização:

Tabela 2

Categorização final – concepções de masculinidades

Categorias	Subcategorias	Componentes	Frequência de frases – Número de itens presentes %	Total de frases
Influências psicossociais	Família	Família, mãe, pai, irmão, avô, avó; tios	121 – 29,15%	415
	Escola	Escola		
	Religião	Religião, cristianismo, Igreja Católica		
	Mídia	Internet, Facebook, desenho animado		
	Mulheres feministas	Feminismo, gênero		
	Movimento LGBTI	LGBT, homossexual e transsexual		
Conflitos intrapsíquicos e interpssíquicos	Interdições	Não pode	83 – 20%	415
	Obrigações	Tem que		
	Mudanças	Conflito, debater, discutir, definir		
Elementos corporais simbólicos	Escroto	“Escroto”, “bolas”	11 – 2,6%	415
	Pênis/Falo	“Pau”		
	Pelos corporais	“Bigode”		

Nota. Tabela elaborada pelas pesquisadoras.

A primeira categoria, correspondente às concepções de masculinidades, descreve as "influências" psicossociais que convergem em uma construção de masculinidade para os participantes da pesquisa. Essas influências sugerem a participação de elementos parentais, da escola, das tecnologias da informação e comunicação, da religião, universidade e as relações com os movimentos feministas e LGBTQIA+. É importante ressaltar que a sequência dos componentes das subcategorias foi organizada de acordo com o curso das falas dos próprios participantes.

A fim de elucidar a primeira categoria, a tabela a seguir demonstra os dados apresentados. Nela, podemos observar a incidência e a frequência de frases contendo a temática das influências. É importante ressaltar que o total de frases correspondentes aos dois grupos focais realizados com os participantes é de 415. A partir delas, pode-se selecionar apenas as narrativas que continham palavras como: família, mãe, pai, irmão, avô, avó, tios, escola, internet, Facebook, desenho animado, religião, cristianismo, Igreja Católica, feminismo, gênero, LGBT, homossexual e transsexual. A frequência de verbalizações para o componente de influências é de 121 frases sobre a temática, correspondentes a um total de 415 frases, perfazendo um percentual de 29,15% do número de itens presentes.

Tabela 3

Categorização final – concepções de masculinidades, categoria influências psicossociais.

Categoria 1 – Influências psicossociais		
Subcategorias	Componentes - verbalizações	Frequência de frases total da categoria %
Família	R1 - “O meu pai, eu sei que eu sou assim por causa do meu pai, é porque meu pai é assim e ele vai falar é por causa do pai dele, o pai dele vai falar a mesmacoisa”.	121 – 29,15%
Escola	R2 - “Depois um pouquinho mais velho os colegas da escola [...] aí os pais deles quando você vai visitar eles”.	
Mídia	R3 - “Você já assistiu JohnyBravo? [...] Ele é o macho alfa, o machista, ele é o estereótipo do babaca. Se lá, há vinte trinta anos atrás foi feito o desenho, ele é sério o estereótipo do babaca.	
Religião	R4 - “Querendo ou não a religião influência”.	
Universidade	R4 - “Eu vi a faculdade mudar muito nesses últimos 10 anos. Assim, o ‘eu’ que eu era antes não era indagado e hoje em dia eu me sinto sendo indagado toda hora. Eu comecei a me indagar: - mano, será que eu sou um macho escroto? Em algum momento eu me olhei no espelho e falei: - velho, será que eu sou um filho da puta e não percebo?	
Relação com as mulheres	R5 - “Às vezes não é um toque nem sobre você, é um toque de uma amiga que você começa a se questionar sobre o que está acontecendo”.	
Movimento LGBTI	R6 - “[...] E eu vendo tanto que, tipo, comunidades como os LGBT’S e as mulheres, tá ligado? Estão se ‘fodendo’ e eu não posso ficar esperando a próxima geração, eu tenho que fazer as coisas acontecerem agora. Eu tenho que falar com os amigos que eu tenho, cutucar o cu deles e falar: - o brother, vamos aí tá ligado? `.	
Total de frases		415

Nota. Tabela elaborada pelas pesquisadoras.

A tabela 4, apresenta-se a categoria “conflitos”. Os participantes da pesquisa articulam discussões sobre as interdições e obrigações das masculinidades, o que “seria ser ou não ser homem”, bem como os sentimentos em relação às mudanças nos padrões de masculinidades contemporâneos e os conflitos advindos desses processos. Para a seleção das frases e contagem de frequência, utilizou-se de frases que continham: não pode, tem que, conflito, debater,

discutir, definir, ser homem e não ser homem. Dessa forma, houve uma incidência de 83 frases, o que corresponde a 20% da narrativa dos estudantes sobre a temática do conflito.

Tabela 4

Categorização final – concepções de masculinidades, categoria conflitos intrapsíquicos e interpssíquicos.

Categoria 2 – Conflitos intrapsíquicos e interpssíquicos		
Subcategorias	Componentes - verbalizações	Frequência de frases total da categoria %
Interdições	R1 - “Mano, acho até meio besta falar, mas é um pouco nesse sentido, tá ligado? Você escuta um barulho em casa, quem que é a primeira pessoa que vai sair na porta, veio? Não interessa se você está com tanto medo quanto todo mundo da casa. Veio, a sua obrigação cívica, mano, alguém tem que ir lá abrir a porta. E você não pode transparecer assim”.	83 – 20,0%
Obrigações	R2 - “Você tem que ser provedor, você tem que ser protetor, tem que ser forte”. R3 - “Fode muito forte “com nois” cara, porque você tem que ser tal coisa, você tem que ser tal coisa pra você ser representativo, tá ligado? Se não, você é mesmo pessoa”,	
Mudanças	R4 - “Pra “caralho”, e eu não sinto pouco não, eu sinto “fodido”, é o que molda.”	
Total de frases		415

Nota. Tabela elaborada pelas pesquisadoras.

A tabela 5 demonstra os dados da categoria “elementos corporais componentes da masculinidade” para os universitários participantes da pesquisa. Nesta categoria, foram consideradas as seguintes palavras para a contagem de frequência: “pau”, “bigode”, “escroto”, “bolas”, o que corresponde a 2,6% das narrativas dos estudantes.

Tabela 5

Categorização final – concepções de masculinidades, categoria elementos corporais simbólicos.

Categoria 3 – elementos corporais simbólicos		
Subcategorias	Componentes - verbalizações	Frequência de frases total da categoria %
Escroto	R1 - “É “as bolas” do saco, é a sua palavra, tá ligado? É a única coisa que você leva pro túmulo, é quem você é”.	11 – 2,6 %
	R2 - “Acho isso muito escroto cara, tipo, a sociedade me moldou, mas você é parte da sociedade.”	
Pênis/Falo	R3 - “A grande maioria da população quando você tá explicando, vai falar: - meu pau na sua mão e vai embora”.	
Pelos corporais	R4 - “O meu pai chama isso de bigode!” (Sobre hombridade)”.	
Total de frases		415

Nota. Tabela elaborada pelas pesquisadoras.

O restante de incidências de frases, 51,75%, das categorias sobre “concepções de masculinidades”, corresponde à continuidade dos diálogos, ao aprofundamento das discussões sobre as temáticas apresentadas pelos próprios participantes e mediadas pela pesquisadora e psicóloga. As narrativas, de certa forma, partem de uma explanação sobre as influências que estes homens conseguem identificar, os conflitos existentes a partir dessas construções, sendo possível observar conflitos tanto latentes como manifestos, e, por fim, alguns elementos corporais que, passíveis de interpretações, compõem as masculinidades deste grupo. Apesar de as narrativas não serem lineares, percebe-se certa construção de uma lógica por vezes manifesta e latente.

3 CONCEPÇÕES DE MASCULINIDADES: IDENTIFICAÇÕES, CONFLITOS E ELEMENTOS CORPORAIS SIMBÓLICOS

Neste capítulo, descreve-se o caso, especificamente o percurso das falas dos participantes da pesquisa no grupo focal, seguido da análise pela via psicanalítica dos conteúdos manifestos e latentes identificados. É importante ressaltar que o conteúdo das falas expressas nos grupos é de grande complexidade por possuir múltiplos fatores que desencadeiam diversas temáticas a serem analisadas. Todavia, a presente pesquisa, apoiada na análise temática, ateu-se aos tópicos de maior incidência que se destacam nas falas dos participantes, como as identificações, os conflitos e os elementos corporais que podem simbolizar a masculinidade para os jovens universitários.

3.1 Descrição da unidade aparente na fala dos participantes

Inicialmente, será apresentado o percurso da narrativa dos participantes, a fim de explicitar a unidade aparente na fala e, por conseguinte, a análise teórica das questões destacadas. O discurso dos participantes se inicia nas concepções que estes possuem sobre masculinidades e sobre os significados que imputam ao gênero masculino.

Nestes significados, a narrativa tem o seguinte percurso: a família como constituinte primordial destes sujeitos em relação a pressupostos sobre a masculinidade. No ínterim da parentalidade, as figuras maternas e paternas tomam contornos de “espelhos” que reverberam a necessidade de que estes homens universitários sejam responsáveis pelos irmãos, sejam provedores de algo, que disseminem alguma coisa e se tornem figuras de apoio.

No âmbito dessa narrativa, os participantes começam, então, a apresentar os conflitos existentes no “ter que”, relativo à responsabilidade, ao dever. Apesar de ser condenado por eles, esse aspecto norteia as relações com as mulheres e com eles próprios. Discursos dissonantes são introduzidos por participantes que centram a figura materna, em contraste com as figuras paternas, até então descritas como principais para a constituição da masculinidade.

O percurso da narrativa evolui para as concepções de uma masculinidade nomeada como “clássica” (*sic*) e até “bizarra” (*sic*) pelos participantes, nas quais a mídia possui influências, bem como a religião e a família. Ademais, os participantes discutem o homem que não remeteria ao estereótipo nomeado anteriormente.

Neste ensejo, é introduzido pelos próprios participantes a questão: quais atitudes definiriam um não-homem? Até então, a narrativa se concentrava em “ser um homem”.

A narrativa insere elementos corporais que definiriam a masculinidade, além disso, uma palavra é destacada: hombridade. Segundo o dicionário Aurélio (2010, p. 401), hombridade significa “1. aspecto varonil. 2. nobreza de caráter; dignidade; brio”. Após essa discussão, um dos participantes alerta o grupo que a resposta hombridade estaria sendo respondida na negação e que a questão deveria ser retomada: o que é um não-homem?

A homossexualidade é apresentada como principal fator, porém o outro é sempre responsabilizado pela interdição. Não se pode ser homem sendo homossexual, ou seja, tornar-se-ia automaticamente mulher. Este outro é representado principalmente pelos núcleos familiares e a religiosos, especificamente o cristianismo.

Nesse ínterim, a narrativa se modifica para o quanto os homens, à vista de toda essa “representatividade” (sic) da religião e da família, sentem-se impactados, visto que mencionam a taxa alta de suicídios em homens. O impacto também é descrito como uma dificuldade em contestar todas essas influências.

Apresenta-se, neste ponto, a narrativa dos conflitos de forma mais aprofundada. Há uma oposição: aqueles que compreendem a importância dos conflitos *versus* os participantes que declaram dificuldades e até necessidades de fuga do conflito. Segundo os participantes, questionar torna-se incômodo, já que seria necessário encontrar respostas.

E quais questionamentos seriam respondidos? Os universitários narram, então, a universidade, o movimento feminista e o movimento LGBTQIA+ como propulsores das indagações “desconfortáveis” e mudanças, o que de alguma forma geraria angústia, sentimento nomeado pelos próprios participantes. E a angústia advém justamente do “não saber”, não saber como se portar, não saber se reproduzem ou não comportamentos machistas.

Apesar de compreenderem a importância dos movimentos e a necessidade do incômodo, o discurso passa a tecer também críticas às formas de abordagem dos movimentos. As críticas se dirigem, principalmente, a uma frase exposta em uma parede do campus universitário: “mate um homem”. Após a narrativa de compreensão e validação da importância dos movimentos, os participantes passam a articular as angústias decorrentes, e alguns associam essa angústia com “humilhação” (sic) e “defeito primordial” no ser homem, na perspectiva dos movimentos. Entretanto, um dos participantes introduz no diálogo a reflexão de que a frase poderia representar o “matar o machismo”. Não houve concordância: alguns

participantes sentem-se incomodados com a frase e outros não. Os discursos se destoam também à medida que discutem a importância da radicalidade dos movimentos.

O grupo é finalizado a partir da configuração em que se iniciou: existem comportamentos esperados para os sexos, o que gera consequentemente estigmas. Os universitários “têm que” para se constituírem enquanto sujeitos do sexo masculino, o que de alguma forma gera conflito, tanto externo como interno, suscitando sentimentos de angústia de se encontrarem em posições de “não saber”. O que os universitários participantes demonstram saber, até o momento, é destacado na última frase do grupo: “ser provedor, não adianta” (sic).

O segundo grupo realizado no âmbito da pesquisa inicia-se a partir das identificações com o masculino. Os participantes questionam os significados da masculinidade: ser homem seria “reivindicar” o ser homem ou “ter determinadas atitudes”? Para os universitários, parece existir uma diferença entre uma identidade masculina e ser categorizado como tal.

Nesse sentido, o adjetivo “apático” é utilizado para descrever um sentimento em relação às identificações subjetivas com a masculinidade, ou seja, uma parte dos universitários procura deslocar-se dessa identificação, almejando não se reconhecer a partir do gênero. Apesar dessa postura, no âmbito privado, os participantes ressaltam que, em algumas situações cotidianas, é necessária uma “performance” considerada masculina para “ser levado a sério” (sic).

Ao serem questionados sobre o significado de “ser levado mais a sério”, os participantes explicam que, de acordo com os espaços sociais, certas posturas são assumidas. Os espaços são: a família, a república estudantil, a faculdade. Dessa forma, para os universitários, é necessário se portar de acordo com o que o ambiente permite. Mesmo não se identificando com aspectos considerados masculinos, como o apreço por futebol, carros e se comportar de forma austera, os participantes novamente inserem o imperativo “ter que” de acordo com os ambientes sociais.

Com o objetivo de aprofundar as questões abordadas sobre os ambientes sociais, a pesquisadora questiona o modo de funcionamento das repúblicas estudantis: como seria o comportamento nesse ambiente? O diálogo se inicia a partir de um paralelo com o ambiente familiar, no qual é preciso “ser o que sua mãe e seu pai querem” (sic). Na república é possível, entretanto, ser de “verdade”. Em outros ambientes, principalmente os familiares, os universitários parecem compreender certa obrigação em assumir uma identidade na qual não se reconhecem.

Foi possível identificar nessas falas que, no ambiente familiar, diferentemente da república estudantil, é necessário portar-se como o masculino supostamente imposto pela família, a exemplo do que foi citado anteriormente, o apreço por carros, futebol e ser austero.

Os jovens passam então a reportar suas relações com as mulheres nos ambientes das repúblicas, nas quais os comportamentos também são diferentes daqueles “verdadeiros” mencionados anteriormente. Os participantes não mencionam qual seria especificamente o conteúdo das diferenças de comportamento nos ambientes femininos, mas relatam que, nos ambientes masculinos das repúblicas estudantis, associado à possibilidade de “ser de verdade”, os conteúdos dos diálogos entre os homens seriam jogos, filmes e “memes”.

Nessa perspectiva, existiriam “coisas” que são ditas em ambientes masculinos, especificamente os heterossexuais e que, não são ditas nos ambientes em que existe a presença de mulheres. Ao serem questionados sobre o que seriam essas “coisas”, a primeira associação é feita a corpos femininos, aos desejos e às atrações dos universitários. Nesse sentido, existe um conflito em curso na fala dos participantes, uma necessidade em especificar o que seria ser homem, apesar de a fala ter se iniciado, justamente, por meio de uma não identificação com o masculino, em que os jovens universitários seriam apenas “uma pessoa”.

Assim, articulam comportamentos impostos socialmente a ser homem e como não se observam no interim desses comportamentos. Dessa forma, para os universitários, as identificações perpassam pessoas do convívio familiar que admiram e não, uma necessidade de “ser homem”. Após essa discussão, insere-se a questão da homossexualidade. No ambiente social, principalmente o familiar, ser homossexual é não ser homem. Caso expressem, por exemplo, o apreço a beleza de outro homem, podem ser julgados.

Percebe-se, nesse sentido, um movimento de conflito na fala dos participantes, ao mesmo tempo em que rejeitam uma identificação com a masculinidade, pois são apenas “pessoas”, o ambiente social e cultural interpõe algumas exigências que instauram esse conflito. A masculinidade é associada a ambientes conservadores, a papéis tradicionais, a virtudes que esses ambientes priorizam e imputam sobre esses homens.

Apesar de considerarem as influências de fatores sociais, relatam que existe uma dificuldade em isolar o que é o eu-outro. Ao mesmo tempo em que há um padrão, há a influência individual sobre esse padrão. Entretanto, segundo os participantes, em alguns momentos é possível isolar o padrão e perceber-se neles. Esse padrão seria ingerir bebida alcoólica, conversar sobre futebol, mulheres e carros.

Como explicitado, a fala percorre o conflito em isolar esse eu-outro, sendo possível para eles perceber esse padrão em algumas situações. Ao mesmo tempo em que rejeitam esses padrões de acordo com os ambientes em que estão inseridos, ocorre uma “performance” do que julgam ser aceitável. O percurso da fala dos participantes se finda com o relato de que não estar no ambiente familiar, associado justamente aos padrões de uma masculinidade tradicional, pode “mudar tudo” (*sic*) e lhes permite ser “eles mesmos”.

3.2 Análise e interpretação dos conteúdos manifestos e latentes do grupo de homens universitários

À guisa de aprofundamento teórico baseado nos pressupostos psicanalíticos, a primeira leitura flutuante das discussões empreendidas no grupo a partir da questão: *Quais as concepções e referências do “ser homem” para você?* Ressaltam as identificações que comportam a constituição subjetiva dos jovens universitários.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001, p.226-227) a identificação compreende o “processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações”.

Consoante Freud, a partir do desenvolvimento das organizações pré-genitais, ocorre a incorporação do objeto e essa seria a meta sexual que consistirá em um modelo que terá como resultado a identificação, tendo esse processo um papel psíquico relevante na subjetividade dos sujeitos. Laplanche (2003), sob a perspectiva freudiana, esclarece que:

[...] as identificações são sempre substituições da relação de amor. São interiorizações do objeto perdido. Freud nos diz explicitamente que a identificação ou é a forma primordial da relação com o objeto, ou um substituto da relação com o objeto de amor. A identificação com o objeto e não com o rival é indispensável para qualquer abordagem da homossexualidade e da heterossexualidade (p.35).

Percebe-se, portanto, que as relações com o objeto ou mesmo o substituto da relação com o objeto de amor é representada inicialmente pelas figuras maternas e paternas dos participantes. As identificações perpassam ainda, de forma sequencial, a escola, as mídias, a religião, a Universidade, as mulheres feministas e o movimento LGBTQIA+.

Em relação às identificações com as figuras parentais, sabe-se que a figura paterna possui centralidade nas narrativas, todavia, surgiram também discursos dissonantes mencionando a figura materna como uma referência de constituição subjetiva. Nesse sentido, existem também as narrativas que compõem as duas figuras como importantes, sem necessariamente, apoiar-se em uma delas, ou seja, perspectivas mais fluidas.

Observam-se três eixos de posição: a) o pai como referência; b) a mãe como referência; c) ambas as figuras como referência. Nas perspectivas a e b, as duas figuras aparecem, mas uma delas tem maior significação. A descrição dessas possíveis posições foi realizada com fins exclusivamente didáticos, pois se sabe que a presença das figuras parentais tanto femininas como masculinas são dinâmicas e se inter-relacionam nos processos de subjetivação.

O conceito de constituição subjetiva para a psicanálise poderá auxiliar na análise dessa narrativa. Prioste (2016, p. 268) considera o conceito como “o processo pelo qual o ser humano, em sua incompletude constitutiva, se apoia nos cuidados e no desejo do Outro, para inscrever-se, com sua singularidade, como membro da comunidade humana”. Percebe-se assim na narrativa dos jovens as vinculações com este Outro, especificamente as figuras parentais, demonstrando as incompletudes constitutivas que formam a singularidade. Neste ponto, observamos inicialmente o processo pelo qual se tornam sujeitos a partir das famílias; posteriormente, analisaremos aspectos da cultura postados nas narrativas.

Afirmam os participantes em relação à indagação inicial “*Quais as concepções e referências do “ser homem” para você?*”:

Universitário 1 – A que vem de casa, pai, mais próximo;

Universitário 2 - Parece que eu me espelhava no meu pai.

Universitário 1 - Eu vou falar de mim: eu não vejo assim, eu vejo mais tipo, no caso na minha casa, eu vejo mais a minha mãe como um alicerce assim, mas quem eu vejo mais como ele falou, como um escudo mesmo. Tipo, meu pai, tá ligado? O que vem de fora, é o primeiro que freia a porra toda ali, é o “gordo”, meu pai. Assim, sei lá, se eu faço, eu vejo, tento fazer assim também.

Considerando o processo de subjetivação, sabe-se da reconhecida metáfora edípica, na qual, segundo Prioste (2016, p. 269), “a constituição subjetiva passa por desejos de fusão com a figura materna, pela ambivalência de sentimentos em relação às figuras parentais, a interdição do incesto e o reconhecimento da castração”. Percebe-se, portanto, na narrativa dos homens

universitários a acentuação da própria identificação imaginária, carregada de amor e agressividade, o que poderá ser explicitado posteriormente no desenvolvimento do diálogo, uma vez que existe um processo de conflito em relação aos próprios desejos.

Considerada a importância das figuras parentais para a constituição subjetiva dos sujeitos da pesquisa, uma das primeiras concepções de masculinidade mencionadas diz respeito ao proteger e prover, se comportar como um alicerce. Neste processo, a mãe, assim como o pai, é assimilada a partir desse papel. Entretanto, quando se discutem atitudes práticas, ou “últimas análises”, o pai está nesse papel central.

Por meio da centralidade da figura paterna, os universitários descrevem também a relação com os irmãos mais novos, na qual parece existir uma demanda de responsabilidade de comunicação, disseminação de algo. Ser irmão mais velho parece significar ser mais do pai, e essa responsabilidade aparece como assustadora. Citam os participantes:

Universitário 3 - Assusta até um pouco ser irmão mais velho e você ter essa responsabilidade de talvez ser um espelho pra (...);

Universitário 1 -...Uma micro paternidade!

Universitário 3 - Você transmite os valores que você recebeu dos seus pais. Então, você como homem recebe valores do seu pai e recebe valores da sua mãe diferentes e você transmite os que você foi ensinado que são os corretos. Tipo, meu avô é um cara completamente diferente do meu pai, que é um cara completamente diferente de mim. Mas em questão de valores, alguns deles são os mesmos. Tipo, meu avô espera algo do meu pai, que espera algo de mim que não pode ser diferente daquilo. São valores obrigatórios e de responsabilidade quase ética. Defender os outros, proteger a família, de prover. Algumas coisas são essenciais. Assim, na representação do significado de ser um homem da família, na minha família pelo menos isso tem um significado muito forte. É o esperado, não é esperado só pelos meus pais, meus avôs, é esperado pela minha mãe, pelas minhas avós, pelas minhas tias, elas compactuam dos mesmos valores. Do que é diferente entre o que elas esperam da minha irmã ou o que elas esperam de mim. Mas a gente busca muitos valores assim, masculinos, no seio familiar mesmo, pelo menos quem tem. Na minha, família católica, centrada e o “cacete”. Então, é o que eu compreendo assim de visão masculina mesmo, alguns valores são essenciais, alguns são mutáveis, mas alguns...

Neste ponto, podemos indicar a questão da ambivalência de sentimentos em relação a esse outro. O outro transmite “valores”, a fantasia é de que as figuras parentais “esperam algo”, “desejam” algo desses homens. Ao mesmo tempo em que se colocam neste papel, de cumprir um possível “pacto”, os participantes parecem se distanciar, visto que a questão dos valores aparece na discussão. Prioste (2016, p. 268) afirma que:

o ser humano, diferentemente dos animais, é um ser inacabado e necessita das insígnias culturais, como uma segunda natureza, para suprir seus déficits originários. A deficiência instintual do homem coloca-o numa situação de fragilidade e de dependência em relação ao Outro, condição que o faz se deparar com complexos enigmas de desejos a serem desvendados no curso de sua existência.

Questiona-se, portanto, quais são os desejos destes jovens, implicados na dependência em relação ao outro? Podemos destacar uma frase: “meu avô espera algo do meu pai, que espera algo de mim que não pode ser diferente daquilo, são valores obrigatórios e de responsabilidade quase ética”. É possível perceber que os participantes sentem uma demanda vinda da família, ou desse pai. Uma demanda de não ser diferente, não contradizer, os valores são obrigatórios e é uma responsabilidade ética acatá-los.

Inferi-se que a responsabilidade sentida está ligada às fantasias desses jovens em relação ao desejo do outro. Laplanche e Pontalis (2001, p. 169) definem fantasia como: “roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente”. Portanto, compreende-se que existe uma ambivalência em relação a essas figuras parentais e ainda uma fantasia de que a masculinidade deve ser atravessada pelas demandas solicitadas no âmbito familiar e cultural.

Outra questão interessante a ser destacada é que existe uma diferença de responsabilidade entre os sexos, visto que o esperado é “diferente entre o que eles esperam da minha irmã ou o que eles esperam de mim”. Existem, portanto, “valores masculinos” e estes valores são associados diretamente à religião.

Para aprofundar a discussão, a pesquisadora introduz a seguinte questão: “*que valores são esses?*”. As palavras citadas em relação aos valores são: prover, proteger, alicerçar, cumprir um papel de base; e a impossibilidade de demonstrar sentimentos, como medo.

Universitário 2 - Ele falou dois interessantes ali que é o de prover, né? De se comportar como um personagem, de cumprir um papel de base (...)

Universitário 3 - Mano, você é um protetor!

Universitário 4 - Você é um alicerce onde as pessoas se apoiam, né?! Necessariamente.

Universitário 3 - Mano, acho até meio besta falar, mas é um pouco nesse sentido, tá ligado? Você escuta um barulho em casa, quem é a primeira pessoa que vai sair na porta, veio? Não interessa se você está com tanto medo quanto todo mundo da casa. *Véio*, a sua obrigação cívica, mano alguém tem que ir lá abrir a porra da porta.

Universitário 2 - E você não pode transparecer assim (...)

Universitário 2- Vira aquele consenso e é, sobrou pra mim!

Universitário 3- Aquele negócio bem arcaico de a mulher anda na parte de dentro da calçada o homem anda na parte de fora da calçada. *Véio*, tem um significado, não é que eu acho que ela não pode andar do lado de fora da calçada, não. Eu acho que eu (...)

Universitário 1- Cara, eu durmo mais perto da porta. Durmo com a minha namorada. Eu mudo o quarto de lugar toda hora, aí eu mudei a última vez, aí ela deitou assim e eu falei: "não, o seu lado é aqui". Aí ela: "mas faz 200 anos que a gente tá aqui, como é você decide o lado", tá ligado?! Mas o critério: o mais perto da porta, se alguém vai entrar aqui vai ser na porta, então entre ele e você vai ter eu.

Dessa forma, podem-se identificar quais são os valores citados pelos universitários, valores estes possivelmente associados às demandas familiares, ou seja, associados às exigências de responsabilidade de comunicação, disseminação de algo anteriormente mencionado.

O que se "deve disseminar", "ser responsável por"? As concepções de masculinidades, até o momento, representam homens que percebem demandas familiares, principalmente paternas, essencialmente diferentes entre os sexos, e que impelem comportamentos associados a uma representação de papel do sujeito masculino intrincado em uma subjetividade que não sente medo, ou qualquer outro sentimento; pelo contrário, apenas provê, cuida, protege e alicerça.

Em contrapartida ao pai que alicerça, provê e cuida, surgem narrativas dissonantes:

Universitário 5 - Tem umas coisas que eu fico percebendo que meus pais são muito, muito contrário de tudo que eu escuto. Tipo, minha mãe ela era o alicerce, ela era a defesa também, porque assim, meu pai ia trabalhar, eu ia pra escola, ele voltava tipo, meia noite, e eu não via ele direito. Minha mãe era tudo, tudo, tudo.

Percebe-se, portanto, a ausência da figura paterna na narrativa, o universitário ainda acrescenta que,

Universitário 5 - Porque assim, eu vivi a vida toda com a minha mãe e com a minha irmã, se eu for pensar em masculinidade era coisa de filme, porque eu não tive assim, um homem que lá... no máximo isso aí dá barata, minha mãe morria de medo de barata, mas coisas que meu pai não queria fazer, por exemplo, ir no mercado, ele morria de medo de ir no mercado, minha mãe ia lá e fazia também, entendeu? Eu não sei se é muito sobre sexo: a esse aqui é homem e essa aqui é mulher e vai ser desse jeito, vai ter medo de barata também. É mais tipo, quem tem esse perfil, é quem tem esse perfil na cabeça, entendeu? Sobre sexualidade, eu não tenho, por exemplo, um personagem, uma pessoa que me representa masculinidade, mas eu tenho a minha mãe que representa uma pessoa que eu quero ser, de tudo entendeu?

A narrativa desloca do corpo biológico as funções “femininas” e “masculinas”. O participante parece ter identificado nos diálogos anteriores essa pressuposição, o que fica claro na frase: “Universitário 5 - Eu não sei se é muito sobre sexo. Esse aqui é homem e essa aqui é mulher e vai ser desse jeito”. Ao mesmo tempo assinala ainda, a não representação pela figura paterna e, sim, materna.

Após a narrativa, outros participantes problematizam o discurso do universitário. “Universitário 6- Então, mas seu pai estava trabalhando, estava provendo. Assim, enquanto seu pai está lá fora... tipo, meu pai era assim também, meu pai viajava também ficava vários dias fora”.

Surge a discussão, então, do que é prover. A mãe e o pai parecem obter a figura de alicerce, mas em relação ao prover a família, a partir da ausência - estar “lá fora”, o pai se encontra nesta função. Neste ponto, insere-se a discussão sobre o dinheiro.

Universitário 5- Mas a minha mãe não estava trabalhando porque ela teve problema no braço (...)

Universitário 6- Não, tudo bem! Mas eu estou falando só aqueles fatos de que a mulher estava lá na casa e tipo, a imagem que eu tenho também do meu pai é de provedor, tipo, é essa imagem que eles estavam falando de protetor, provedor, do cara que traz o pão no final do dia.

Universitário 5- É que eu sempre soube que minha mãe ganhava mais que meu pai, ainda sem trabalhar, porque ele teve o problema no braço e ela pagava as contas.

Universitário 1- Minha mãe ganha infinitamente mais que meu pai, só que era ele, tá ligado?!

Universitário 2- Ainda assim era essa figura característica (...)

Os participantes parecem seguir argumentando que apesar de diversos fatores, o pai ainda obtém a figura de protetor e provedor. A discussão é pautada sobre o “papel” tradicional, mesmo que existam mudanças nas configurações familiares, a mãe que sai, trabalha, também alicerça a casa, a visão tradicional é que o pai seria a primeira figura.

Ressaltam ainda que:

Universitário 3- Ninguém nunca impôs, mas é esperado!

Universitário 1- Exato, é um negócio meio que esperado, sei lá, e tipo, é porque ele sempre foi assim, se ele estivesse aqui ele estaria falando que nem sabe o porquê e eu não sei o porquê, tá ligado? A maior parte das coisas a gente nem sabe direito porquê direito, de onde veio isso, sabe? O epicentro dessa “caralha”, mas a gente vai fazendo. É uma reprodução assim do que a gente viu e sentiu e continua fazendo, tá ligado? Tipo, eu entendo a sua visão do role de como é a sua casa, mas é tipo, não precisa ser o clássico, porque todo mundo aqui tem uma família diferente, mais ou menos “blábláblá”, mas eu sinto que, sei lá, não conversei ainda com ninguém que tem uma família que não, sei lá, esse sentimento não norteia um pouco, tipo, acaba norteando.

É interessante notar que, os universitários tentam se distanciar da “tradição” e ao mesmo tempo se aproximam, visto que sentem como “esperado” deles, ou mesmo das figuras parentais. Portanto, “é uma reprodução assim do que a gente viu e sentiu e continua fazendo, tá ligado?”, após a afirmação, o universitário ainda analisa que o “sentimento” acaba norteando as ações.

Em relação a outras identificações fundamentais e que se destacam na fala dos participantes, a mídia aparece por meio do personagem Johnny Bravo (1997)⁷, uma série de desenho animado criada por Van Partible. O personagem é associado ao estereótipo masculino, o “cara chato”, aquele reproduz comportamentos machistas, tóxicos. Segue a descrição do diálogo em que os participantes discorrem sobre ao que remete a masculinidade:

Universitário 5- Remete pra mim a um cara chato, que eu não quero ficar perto porque (...)

Universitário 1- Mas aí você está juntando com o machismo, o cara ser masculino (...)

Universitário 4- A definição de masculino é simplesmente ser homem.

Universitário 2- É genérico, a ótica que você dá pro negócio é essa (...) remete ao Johnny Bravo.

Universitário 3- É um babaca!

Universitário 5- Me remeter não significa que eu faço: “nossa eu acho isso certo”. Não, me remete a uma coisa (...)

Universitário 4- (...) bizarra!

Universitário 2- E você ainda colocou de uma maneira quantitativa, tem como ser mais masculino, menos masculino.

Após serem questionados sobre quem era Johnny Bravo pela pesquisadora, os participantes afirmaram:

Universitário 3- Ele é o macho alfa, o machista, ele é o estereótipo do babaca. Sei lá, há vinte, trinta anos atrás. Foi feio o desenho! Ele é, sério, o estereótipo do babaca.

Universitário 1- Ele vai atrás de todas as minas, ele arruma o cabelo, o cara é um triângulo.

Nesse ponto, os participantes são indagados sobre qual o estereótipo que o personagem transmite. Relatam que:

⁷ Série de animação criada por Van Partible em 1997 e estrelada por um personagem homem chamado Johnny Bravo. Os enredos geralmente se concentram nas tentativas do personagem de fazer com que uma mulher que almeja ao longo do episódio, se apaixone por ele. Frequentemente, Johnny Bravo é espancado pelas mulheres ou seus companheiros, ou é abandonado por eles ao final do episódio.

Universitário 3- Ah, ele puxa “as mulher” pelo cabelo, xaveca com piada merda, acha que ela é propriedade. Tudo que você imaginar, sem zoeira, ele é o estereótipo do babaca.

Universitário 2- Tem raciocínio de uma porta.

Universitário 1- Ele tem um carro conversível.

Universitário 3 - Ele puxa a mina pelo braço.

Universitário 1- Ele puxa, ele estica o braço assim e de outro lugar que você nem tá vendo na tela e traz uma mina assim.

Universitário 3- Ele acha que ela é um objeto.

Universitário 6- Ele pra uma mulher, qualquer mulher e ele já acha que ele tem que xavecar e que ela vai ficar com ele.

Universitário 5- É que essa imagem de puxar, eu não lembro direito...

Universitário 1- A única coisa legal desse seriado é que ele sempre se fode.

Universitário 5- Eu não tenho essa imagem de tipo, eu tenho que ser muito forte. Era mais que as atitudes dele de sempre tentar ser um gostoso pra cima de alguma menina, não que ele machucava, mas quando ele chegava perto tentando, se mostrando pra ela, isso daí me remete a masculinidade e ele sempre se “fudia”, porque ele é bobo, entendeu?

Universitário 4- Ele é “chucro”, né?

Universitário 5- Então coisas masculinas acabam me remetendo a coisas bobas, entendeu?

A palavra masculino me remete a coisa chata. Tipo, o que você falou: machismo seria o certo, mas a masculina também me remete a essa situação.

Universitário 4- Não, sim, com certeza!

A narrativa percorre o seguinte trajeto: o estereótipo do homem machista, aquele que compreende a mulher como uma propriedade, um objeto de satisfação, que possui resquícios de violência, visto que os participantes citam em diversos momentos a palavra “puxar as mulheres”, parece existir, portanto, um não consentimento feminino. Além desse panorama, os universitários identificam esse personagem como um sujeito não inteligente, definido por eles como “bobo”. Ao final, mais um elemento surge, como o personagem acabava, no seriado, apesar da persistência, não conseguindo se relacionar com as figuras femininas.

Ao final da narrativa, os universitários relacionam o personagem Johnny Bravo, à discussão anterior, em que a palavra masculinidade remete ao “cara chato”. Por mais que o participante passe a considerar os argumentos dos outros universitários, explica que ainda que

o machismo parece estar atrelado à imagem que ele concebe de masculinidade, ou seja, o machismo seria sinônimo de masculinidade.

Visto que a discussão se concentrava na diferenciação do que seria um homem e o que é o machismo, pela via de uma essencialidade e não essencialidade, a pesquisadora introduz a seguinte questão: *que homem é esse que não remete ao estereótipo?* Neste momento do grupo, um dos participantes solicita acrescentar uma pergunta. Sendo esta:

Universitário 1- Posso acrescentar uma pergunta nas suas perguntas? Porquê eu pensei numa pergunta. A gente falou muito nela, várias vezes, várias vezes, todas as reuniões assim praticamente a gente sempre pergunta o que que é ser homem pra todo mundo, tá ligado? Eu queria fazer uma pergunta pra todo mundo, que é tipo: tá, a gente meio que é indefinido, encaixa “blábláblá”, sempre tem uma inspiração das coisas que a gente acabou acatando. Mas e as inspirações do que não é? O que pra você te imprimiu que não é coisa de homem. Sei lá, cozinhar não é coisa de homem, tá ligado? Tipo, sabe? É essa pergunta que eu queria fazer pra todo mundo: o que vocês acham que tipo, em algum momento que vocês não fazem por nada, por que vocês vão se sentir menos homens? Tem alguma coisa tá ligado? Mas é uma pergunta bem mais difícil.

É interessante notar que os participantes parecem ter dificuldades de definir suas concepções sobre a masculinidade. Conseguem, entretanto, demonstrar o que não são, ou mesmo, o que é posto como tradicional e existe um distanciamento em relação aos estereótipos.

A mídia também irrompe por meio da percepção dos universitários sobre as influências da plataforma Facebook. Simultaneamente a sugerirem aspectos positivos da plataforma e da internet de forma geral, também elencam desvantagens das tecnologias de informação e comunicação. Os aspectos negativos são:

Universitário 3- Mano, vou falar um negócio que aconteceu no Brasil! Um cara, um fotógrafo, ele pegou e editou algumas fotos de nus femininos. Ele recortou o mamilo das mulheres das fotos e colocou mamilos masculinos, o Facebook não bloqueou.

Universitário 1- Eu vi, foi demais!

Universitário 3- O Facebook não bloqueou mais as fotos cara, porque o mamilo que tá lá é masculino. Tá “Suavasso”.

Universitário 1- Ou seja, puta que pariu, tá ligado? Em relação aos aspectos positivos, os jovens destacam:

Universitário 3- A internet empoderou muita gente a falar muita coisa. Eu acho que tinha muita gente escondida, e aí com o advento da internet esse pessoal começou a perceber que não estava sozinho e que tinha uma ferramenta de empoderamento, tipo, Facebook da vida, reclamar em *post* em sei lá o quê, vem gente curtir o comentário do cara lá, acho que as pessoas se sentiram menos sozinhas [...]

O estudo de Prioste (2016) poderá auxiliar na análise da influência das mídias na constituição subjetiva dos sujeitos. A autora infere que com a expansão da tecnologia estão em curso modificações na economia libidinal dos sujeitos. Essas modificações compreenderiam uma expropriação do pensar. O apego às tecnologias revelaria um “processo metonímico de substituição do vazio deixado pela ausência do objeto perdido por um fetiche, guardando a promessa de um status social, um verdadeiro engodo produzido pelo mercado” (Prioste, 2016, p.347). Nesse sentido, as próteses televisuais corresponderiam a uma imersão dos sujeitos em fantasias pré-fabricadas. Fantasias essas inconscientes, que compõem a realidade interna dos sujeitos e que configuram as interpretações sobre as experiências individuais (Prioste, 2016).

Outro processo de identificação a ser observado corresponde à religião. Os participantes tecem críticas às crenças e doutrinas que constituem, antes, a própria subjetividade das figuras parentais e passam a ser transmitidas aos filhos. Essa transmissão seria de uma heterossexualidade compulsória, sobre a qual os participantes afirmam que, para o ambiente familiar, o que poderia fazer deles “não homens” seria a orientação sexual para o mesmo sexo. Nesse sentido, os participantes discorrem:

Universitário 1- Isso que eu ia falar, o que caga é a religião.

Universitário 5- Acho que é aquilo que a gente estava falando, quando vem do avô, do pai pra gente, veio antes também, e antes a religião era mais forte.

Universitário 3 - Querendo ou não a religião influência.

Universitário 1- Cara, muita coisa, que eu ia falar, tipo, muita coisa nossa vem de religião. Acho que a matriz aqui da religião, acho que a maioria aqui é cristã, tá ligado? Não sei se tem alguém aqui fora muito do cristianismo, sei lá (...).

Universitário 1- Então, tem muita coisa na religião, tá ligado? Na Bíblia, assim, fode muito mulher, tá ligado? E tipo, dá os comportamentos muito dos homens.

Universitário 3- Eu acho que é muito forte a religião, porque se a gente chegar lá pra Grécia antiga, pra Roma, os caras foda-se. Era homossexual e foda-se, ninguém (...) Só que aí chegou o cristianismo depois e “fodeu com o rolê”, homossexual só não pode e pronto acabou e é a pauta principal. Religião norteia o bagulho. A religião, portanto, “norteia” comportamentos e relações segundo os universitários.

Empreende em conjunto as figuras parentais, a necessidade de que estes jovens sejam “provedores, protetores e fortes”. Os participantes parecem aproximar-se do denominado por Freud (2011) “religião como ilusão”, não se vinculando a um “sentimento de vinculação indissolúvel, de comunhão com todo o mundo exterior” (p.8).

No que tange à universidade, a relação com mulheres feministas e o movimento LGBTQIA+, detectados como processos de identificação dos participantes, observa-se uma relação entre os três eixos. Por meio da universidade, esses jovens adentram na vida adulta e se veem diante de realidades influenciadas pelos movimentos feministas e LGBTQIA+, que instauram questionamentos sobre os comportamentos machistas desses jovens.

Sobre a universidade, os participantes afirmam:

Universitário 2- Aqui, na universidade foi o primeiro lugar que eu parei pra pensar sobre questões sobre essa, tipo, teoricamente você vive sem muito parar pra pensar nisso, sabe? O que é ser homem, tipo, o que significa? Então, tipo, acho que o ambiente me proporcionou a reflexão sobre isso. Tipo, “deu” parar pra pensar e agora tô discutindo questões desse gênero.

Universitário 3- Assim, eu sou um pouco mais velho, eu acho que na roda aqui eu sou um dos mais velhos. Eu vi a faculdade mudar muito nesses últimos 10 anos assim. O que antes não era indagado e hoje em dia eu me sinto sendo indagado toda hora. Eu comecei a me indagar: - mano, será que eu sou um macho escroto? Em algum momento eu me olhei no espelho e falei: - velho, será que eu sou um filho da puta e não percebo, será que isso é possível? Então eu vim aqui me estudar.

A universidade é considerada como o “primeiro lugar” em que reflexões são suscitadas. Em ambientes culturais anteriores, se “vive sem muito para pensar”. Esse processo se soma aos

movimentos retratados anteriormente, à medida que estes jovens vêm sendo indagados. O universitário, na seguinte fala, poderá elucidar essa análise:

Universitário 2 - Acho que vem muito do ambiente também, é eu acho que eu nunca tipo, estive num mesmo ambiente que uma pessoa homossexual, aqui na faculdade eu tive já, tipo, muito movimento LGBT que é importante pra caramba, se falava bastante disso na escola, tipo, virou pauta de vestibular de um monte de coisa, tipo, eu acho que o acesso a esse mundo tipo, pra galera mais jovem tá muito mais fácil, um mundo que não é o mundo hétero assim e aí tipo, você começa a perceber o quão babaca você é, tipo, que você era uma pessoa que fazia mal pros outros e aí você começa a repensar.

Sob a compreensão de que a universidade pode se configurar como um espaço catalizador de conflitos, pode-se associar este fato com a entrada na vida adulta desses jovens. Eriks Erikson (1976) apresenta dessa maneira, a possibilidade de uma crise na juventude com essa entrada na vida adulta. Existiria um ciclo vital no qual os sujeitos, em determinados períodos, desenvolveriam recursos preliminares de crescimento fisiológico, amadurecimento mental e responsabilidade social para atravessarem uma crise na identidade. Na fase do desenvolvimento da puberdade, o autor constata o processo de identidade *versus* confusão de identidade, no qual o adolescente deveria determinar o senso do “eu” e pode experimentar uma confusão de papéis. Já na fase genital, ocorreria nos jovens adultos o período de intimidade *versus* isolamento, o que corresponde à procura por estabelecer compromissos com os outros (Papalia, 2013).

Percebe-se na atualidade um prolongamento da entrada na vida adulta, visto que o período da adolescência se torna um ideal cultural (Calligaris, 2000), o que poderia confundir os processos das fases psicossociais mencionadas anteriormente e introduzidas pelo psicanalista Erikson (1976).

Especificamente em relação ao movimento feminista, observa-se uma dualidade. Concomitantemente à possibilidade de reflexões sobre os comportamentos denominados pelos participantes como “escrotos” e à percepção da importância do movimento, tecem críticas que se concentram na abordagem das mulheres. Utilizaremos como exemplo um fenômeno que ocorreu na universidade. Uma área do câmpus teve a localidade grafitada com a frase: “mate um homem”; acerca do fenômeno, os participantes anunciam:

Universitário 5- Aí mate um homem, nossa cara, como eu odeio quando falam mate um homem. Porque não, mate um homem é tipo, vamos, é aleatório, é uma humilhação (...).

Universitário 1- Eu acho que esse discurso, cara, de mate um homem, eu não acho dá hora, tá ligado? Tipo, eu entendo toda a raiva que as mulheres têm, históricas e tudo mais, mas você começar qualquer tipo de coisa nessa base é muito foda, é muito impactante. É que pra mim (outras pessoas tentam falar) Pera aí, eu vou chegar lá. Eu vou explicar uma coisa que eu sinto do movimento em si assim, no geral. Tem um grande problema pra mim que é, tipo, como, quem você quer atingir. Tipo, a gente aqui voltando no argumento que você sempre vira e fala que tipo, pessoas estão tomando conhecimento, estão querendo discutir, estão querendo conversar, estão querendo entender, tá ligado? Quando uma pessoa chega, você mesmo está tentando explicar o que significa, porque você tem conhecimento, você vai lá e tal. Mas o seu pai vai entender se você falar assim? Seu avô vai entender? Os homens em geral da sociedade vão entender? Você não acha que é muito mais um soco na cara desses caras que não têm conhecimento, não sabe? Esse tipo de aproximação eu acho muito errado, não tô falando pra mim, eu vou entender, cara eu vou olhar um sei lá, um quadro do Pollock e vou sentir alguma coisa, mas tem gente que não, tá ligado? Tipo, não vai, e aí o caminho das pedras tem que ser mais básico, tá ligado? Mate um homem é um negócio muito (...).

Essas falas anunciam a possível angústia dos participantes em relação à abordagem das mulheres, associam com fatores de humilhação e, ainda, à dificuldade em conseguir atingir o público a que se destinam as mensagens. De alguma forma ocorreria um “afastamento” das pautas feministas. Em contrapartida, alguns participantes colocam em discussão a importância do impacto que a frase apresenta. Estes assim se expressam:

Universitário 8- Mas quando que o mate um homem te atingiu?

Universitário 8- Então primeiro você bateu de frente, depois você repensou, então quer dizer, por exemplo, nesse mate homem você ficou desconfortável e você foi pra outra etapa. Então esse choque foi efetivo.

Universitário 8- A gente tem que separar um pouco o que é a militância, do que é o grito de guerra, do que é discussão mesmo em si, tá ligado? Às vezes quando alguém fala assim:

- mate um homem. Ela pode não estar querendo, tipo, matar realmente o homem. Até porque você não vê uma onda de matanças de homem. É mate o que significa ser homem, tá ligado?

Para o participante acima citado, o impacto da frase é de suma importância e possibilita a mudança da realidade, associa a frase ao matar o significado de ser homem. Interpreta-se que, possivelmente, esse significado seria a construção de uma masculinidade tradicional, “escrota”, tão discutida pelos participantes. Entretanto, percebe-se que essa fala, tem menor incidência no grupo, a maioria dos universitários declaram angústias ligadas ao movimento, visto que interpretam, na perspectiva desse outro, as mulheres, que ser homem seria um efeito primordial, o que pode ser observado na seguinte frase: Universitário 5- “Como se a culpa é minha que eu nasci homem, porra! E não é culpa sua que você nasceu mulher que você está errada, não, os dois têm que se juntar e não ficar se dividindo e brigando, sabe? Não faz sentido”.

Colocadas as identificações dos jovens universitários concernentes às masculinidades, verifica-se a segunda categoria, os conflitos. Todo o diálogo perpassa os antagonismos entre o eu-outro, a construção de uma subjetividade atravessada pela cultura. No conteúdo dos conflitos, têm-se interdições, sentimento de obrigações, confusão em relação às mudanças contemporâneas no campo sexual, a compreensão da importância do conflito e, ao mesmo tempo, uma necessidade de distanciamento.

Nesse sentido, evidenciou-se a repetição das seguintes expressões “ter que” e “não poder”, o que remete a um conjunto de valores composto por obrigações (“ter que”) e por interdições (“não poder”), que são expressas de maneira imperativas. Supõem-se essas significações como resultados de diversas produções inconscientes que ditam os valores, ações e simbologias envolvidas na concepção de “ter que” e “não poder” como forma de imperativo. Assim, os universitários parecem articular as interdições que possuem.

Alguns trechos das narrativas dos estudantes podem elucidar o conteúdo correspondente às expressões:

Universitário 3 - Você escuta um barulho em casa, quem é a primeira pessoa que vai sair na porta? Não interessa se você está com tanto medo quanto todo mundo da casa. *Véio*, a sua obrigação cívica, mano alguém tem que ir lá abrir a porra da porta.

Universitário 2 - E você não pode transparecer assim. (que tem medo)

Universitário 6- Ele para uma mulher, qualquer mulher e ele já acha que ele tem que xavecar e que ela vai ficar com ele.

Universitário 3- Fode muito forte “com nós” cara, porque você tem que ser tal coisa, você tem que ser tal coisa pra você ser representativo, tá ligado? Se não, você é menos pessoa.

Universitário 3- Você tem que ser provedor, você tem que ser protetor, tem que ser forte. Universitário 4- Não, mas você tem que se dispor a ajudar.

Universitário 5- Como se a culpa é minha que eu nasci homem, porra! E não é culpa sua que você nasceu mulher que você está errada, não, os dois tem que se juntar e não ficar se dividindo e brigando, sabe? Não faz sentido.

Universitário 8- Você não pode chorar, você não pode brochar (...)

Universitário 3- Você não pode chorar, você não pode sofrer, você tem que ser forte, você tem que se defender.

Universitário 1- Não pode demonstrar seus sentimentos.

Universitário 2- Por exemplo, às vezes, tô num churrasco de família, e aí sempre fica a maioria dos tios assim, pais, a galera fica lá, e tem que tomar um breja com ele, ficar tipo, tem que fazer a social com eles[...].

Roudinesco e Plon (1998), retomando os postulados de Lacan (1964), afirmam que por meio do vínculo entre repetição e inconsciente proposto pela teoria freudiana, Lacan:

Observou que a repetição inconsciente nunca é uma repetição no sentido habitual de reprodução do idêntico: a repetição é o movimento, ou melhor, a pulsação que subjaz à busca de um objeto, de uma coisa (das Ding) sempre situada além desta ou daquela coisa particular e, por isso mesmo, impossível de atingir. (Roudinesco e Plon, 1998, p.658).

Nessa perspectiva, presume-se que o movimento da repetição das palavras “ter que” e “não poder” demonstram a busca de um objeto ou coisa impossível de atingir. O que seria, pois, impossível de atingir? Possivelmente, a fantasia do desejo do Outro, a simbolização do que significa para eles ser homem e, de certa forma, justamente a busca por “ser esse homem”.

Compreende-se, na narrativa dos estudantes, um conflito psíquico – ser ou não ser, sentimentos contraditórios, ou seja, para se constituírem a partir de uma subjetividade

masculina, os universitários participantes da pesquisa, teriam que expressar determinada constituição subjetiva e não poderiam expressar outro tipo que contradiga a masculinidade.

No que diz respeito ao conflito, Laplanche e Pontalis (2001, p. 89) declaram que:

Em psicanálise fala-se de conflito quando, no sujeito, opõem-se exigências internas contrárias. O conflito pode ser manifesto (entre um desejo e uma exigência moral, por exemplo, ou entre dois sentimentos contraditórios) ou latente, podendo este exprimir-se de forma deformada no conflito manifesto e traduzir-se particularmente pela formação de sintomas, desordens do comportamento, perturbações do caráter etc. A psicanálise considera o conflito como constitutivo do ser humano, e isto em diversas perspectivas: conflito entre o desejo e a defesa, conflito entre os diferentes sistemas ou instâncias, conflitos entre as pulsões, e por fim o conflito edipiano, onde não apenas se defrontam desejos contrários, mas onde estes enfrentam a interdição.

Sabe-se, portanto, que o conflito é constitutivo dos sujeitos, sendo reiterado durante toda a narrativa dos estudantes ao longo dos grupos focais. Pela narrativa dos universitários, considera-se que as exigências internas contraditórias, os conflitos, se expressam de forma manifesta. O desejo opõe-se a uma exigência moral, atribuída por eles aos familiares e à religião. É possível considerar, também, a possibilidade de conflitos latentes, visto que os participantes mencionam certos comportamentos considerados “machistas”, praticados por eles mesmos e, ao mesmo tempo, questionam -se sobre o “não saber” desses comportamentos. Traduzem-se, portanto, esses comportamentos como sintomas.

A esse respeito, Silva e Macedo (2012) categorizam demandas da contemporaneidade e seus efeitos no campo intersubjetivo. Para as autoras, existe uma diversidade nas relações interpessoais, principalmente no âmbito familiar, o que ocasiona dúvidas masculinas e confusão em relação aos seus papéis sociais. Percebe-se, assim, “o surgimento de tensões entre os padrões tradicionais da identidade masculina e a possibilidade de se viver novas formas de ser homem na cultura ocidental” (Silva e Macedo, 2012, p.205).

Essas tensões podem estar relacionadas ao que as autoras denominam como padecimento psíquico contemporâneo. Os conteúdos dos padecimentos denotam problemáticas ligadas à inserção na própria identidade. O que isso significaria? Um conflito em curso diante da fluidez contemporânea, um vazio identitário diante desse contingente. Silva e Machado (2012, p. 209) explicam:

O sujeito não consegue identificar-se com um padrão estável que lhe sustente a sua identidade, pois deve manter-se contingente às trocas de valores. Dessa forma, o sujeito, ao se distanciar do ser, cada vez mais confunde a imediatez com a identidade. Nesse contexto, insere-se a masculinidade. Ao fascinar o olhar do outro, o homem busca, nessa imagem, algo que o defina e dê contornos para o seu vazio identitário.

Dessa forma, a repetição constatada de palavras como “ter que” e “não poder” poderia se relacionar ao vazio identitário na medida em que implica um conflito psíquico entre o ser e o não ser mencionado anteriormente.

As concepções demonstram também os sentimentos dos jovens universitários em relação ao masculino, o conceito de sentimento assume o significado cunhado por Freud no artigo *O inconsciente* (1905), “afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga, cujas expressões finais são percebidas como sensações” Freud (1915, p.86). É importante ressaltar a complexidade e a inter-relação dos conceitos de afeto e sentimento ao longo da obra do autor, entretanto não será o foco deste trabalho. Assumimos, portanto, o conceito como este processo de descarga, como o destino das sensações.

No que diz respeito à cadência e à ordem do diálogo, “ter que” e os conflitos decorrentes deste imperativo, são narrados de forma conjunta com a centralidade da família, principalmente da figura paterna no processo de referência para as concepções de masculinidade.

A pesquisadora assim introduz a seguinte questão: “então, para quem não tem essa referência, de onde vem o que é ser homem?” Diante do questionamento, a seguinte construção de diálogo se inicia:

Universitário 5 - Puta, é o que eu falei, pra mim tudo que envolve masculinidade normalmente, masculinidade eu já acho uma palavra muito feia, sabe? Mas por conta talvez do ambiente que eu tô, tipo, o ambiente não vai, os anos que a gente tá passando discutindo muito sobre sexualidade, gênero essas coisas, no caso de estupro é complicado, mas (...)

Universitário 1- Desculpa, eu vou ter que te cortar numa coisa, eu sei lá, eu não acho que masculinidade em si é feia, o problema é o tóxico desse negócio, qualquer coisa tem. O masculino, o ser o masculino não tem problema nenhum, não é ruim, não é nada, não é pejorativo, tá ligado?

Universitário 5- Pra mim, eu escuto a palavra: “Ah, ele é muito masculino”. É estranho, entendeu?

Inicialmente surge a questão de que a masculinidade seria uma “palavra muito feia”, por estar associada a comportamentos machistas e de casos de estupros. Entretanto, um dos participantes alerta que a masculinidade em si não seria “feia”, o problema seriam os comportamentos denominados pelos próprios participantes como “tóxicos”. Ou seja, no discurso, percebem-se duas direções de concepções de masculinidades: aquela que não estaria associada a uma essência masculina e outra que parte de uma essência.

A não essência se distancia de uma identificação com traços denominados como masculinos e, ao mesmo tempo, constata que aquilo de que se desidentificam, ou seja, na masculinidade, seriam traços que pertencem ao campo da violência. Partindo dessa conjuntura, a pesquisadora questiona os participantes ao que remete a palavra “masculinidade” com o objetivo de aprofundar o diálogo iniciado.

A primeira frase do diálogo identifica o “cara chato”, do qual o participante gostaria de se distanciar. Um dos participantes reitera o discurso anterior, que deve existir uma separação do que se configura como machismo e masculinidade. Neste seguimento, outro participante apresenta uma “definição” do masculino: “Universitário 4 – A definição de masculino é simplesmente ser homem”. Uma parte dos participantes continua a argumentação de que a concepção de masculinidade não está atrelada necessariamente aos comportamentos machistas, para eles, parece existir uma essência. Entretanto, parecem não conseguir nomear a essência, definindo-a genericamente como “ser homem”.

No que diz respeito aos elementos corporais simbólicos das masculinidades concebidas pelos participantes, as palavras: “escroto”, “pau”, “bigode” e “bolas do saco” catalisam possíveis definições para esses homens.

Universitário 3- Eu comecei a me indagar: - mano, será que eu sou um macho **escroto**? Em algum momento eu me olhei no espelho e falei: - velho, será que eu sou um filho da puta e não percebo, será que isso é possível? Então eu vim aqui me estudar.

Universitário 3- Mas uma coisa é você debater ideia com quem vai debater a ideia com você, quem tem argumento, quem tem ponto de vista. Outra coisa é você debater ideia com um cara que vai virar: - **meu pau!**

Universitário 3- Eu tenho uma frase do meu pai assim, que o meu pai diz que a única coisa que um homem tem é hombridade. É isso que define um homem. É representar o que você fala. Você falou algo você vai fazer isso (...)

Universitário 1- O meu pai chama isso de **bigode!**

Universitário 3- É “**as bola**” do saco, é a sua palavra, tá ligado? É a única coisa que você leva pro túmulo, é quem você é.

A possível definição de masculinidades empreendida pelos jovens é restrita a elementos genitais. O termo é definido por Laplanche e Pontalis (2001, p. 209) como: “expressão muitas vezes usada na linguagem psicanalítica contemporânea para designar a forma de amor que o sujeito alcançaria no aperfeiçoamento do seu desenvolvimento psicosssexual, o que supõe não apenas o acesso à fase genial como também a superação do Complexo de Édipo”. Compreende-se, portanto, a possibilidade de o órgão genital masculino representá-los subjetivamente. Recorre-se aqui à compreensão Lacaniana (1998) de que no homem prevaleceria a dialética do “ter” o falo.

Entretanto, apesar de possíveis elementos simbólicos componentes das masculinidades, o que fica evidente é uma indefinição. Mais que concepções, existem conflitos constitutivos que se intensificam com as demandas contemporâneas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa é resultado de inquietações incitadas inicialmente pelos estudos feministas e pelo campo científico da Psicologia e da Psicanálise, compreendidas como possíveis recursos de leitura dos fenômenos contemporâneos, bem como pelo interesse por fenômenos histórico-culturais relacionados à sexualidade, pelas relações indivíduo-grupo e pelos discursos singulares e coletivos. As inquietações possibilitaram uma investigação sobre a constituição subjetiva contemporânea de homens jovens e universitários, por meio da análise de influências psicossociais predominantes em suas histórias de vida.

Foi possível constatar, como já ressaltado por Sampaio e Garcia (2010), a tendência influenciada pela psicanálise de se compreender a constituição da masculinidade como mais simples e menos engenhosa, visto que o feminino tem lugar tradicionalmente considerado pela teoria. Dessa forma, a sexualidade masculina e as particularidades das masculinidades engendradas em diferentes contextos sociais foram, em certa medida, negligenciadas em decorrência, principalmente, do mito da menor complexidade.

Entretanto, observam-se novos esforços para as investigações sobre a constituição das masculinidades, tanto no âmbito da psicanálise como nos estudos de gênero, considerando as investigações que não se restringem ao contexto de relações de gênero duais, em pares de oposição vítima/opressor, ou seja, investigações que objetivam compreender a experiência de subjetivações femininas e masculinas. Os novos esforços também podem ser observados pelo próprio contexto contemporâneo com a criação de “grupos de homens” para discussão de conteúdos relacionados à masculinidade.

Nesta pesquisa, adotaram-se as considerações fundamentais propostas pela psicanálise sobre o conteúdo incerto das construções dos gêneros femininos e masculinos e ainda o deslocamento de definições naturalizantes decorrentes do aparato biológico (Freud, 2011; 2012; Laplanche, 2003; Ambra, 2013). Nesse sentido, do ponto de vista psicanalítico, masculinidades e feminilidades perpassam lugares simbólicos e imaginários que se estruturam no processo de subjetivação a partir das trocas intersubjetivas.

Nessa perspectiva, os questionamentos iniciais da pesquisa objetivaram esclarecer e analisar as concepções de masculinidades e as influências envolvidas nesse processo de subjetivação. Após a análise, ficam evidentes os conflitos empreendidos pelas identificações dos jovens universitários em contraste com as demandas contemporâneas. Mais que

concepções de masculinidades, o que os universitários deixam evidente é a indefinição e o que comunicam são as dúvidas, os conflitos internos que possuem. Nesse sentido, os antagonismos parecem ser partes integrantes dos conteúdos dos homens contemporâneos.

A priori, sabe-se que o conflito é parte integrante e estrutural da subjetividade dos sujeitos que, via esse processo, se constitui (Laplanche e Pontalis, 2001). Identificaram-se conflitos tanto manifestos como latentes, sob a perspectiva dos desejos e das defesas, e ainda o conflito edipiano. Nesse sentido, o conflito aqui concebido é anterior à crise da masculinidade contemporânea discutida pela teoria.

O que isso significa? A construção desse conflito se dá por meio do confronto entre as demandas internas e externas dos sujeitos e, de um lado, é constitutivo, faz parte da estrutura egóica, se constitui entre os desejos e as identificações; de outro é intensificado pelo contemporâneo. Os sujeitos lidam, portanto, com pulsões internas constitutivas e que são intensificadas pelas demandas psicossociais.

A partir desses conflitos, foi possível compreender as identificações dos participantes da pesquisa, identificações essas de bases parentais, escolares, midiáticas, religiosas, universitárias e com o considerado “diferente”, as mulheres e a população Lgbtqia+. Ao longo do desenvolvimento humano, nos diversos ambientes constitutivos da personalidade, ressalta-se o conteúdo múltiplo das identificações.

Estes homens, ao adentrarem na universidade, comunicam uma crise da entrada na vida adulta (Erikson, 1976; Calligaris, 2000). Instauram-se, pois, períodos de sofrimento psíquico e angústia entre essas demandas internas e psicossociais. Que demandas seriam essas? Três palavras centralizam e dão forma às angústias e aos conflitos comunicados pelos jovens universitários: proteger, prover e alicerçar.

Este grupo de homens contemporâneos, especificamente, os jovens e universitários, têm subjetividades identificadas com personagens de diversos âmbitos descritos anteriormente. O que gera questionamentos em relação às figuras masculinas, aos modos de posicionamento concernente às identificações.

Dessa forma, o conflito se instaura em: os homens são protetores? Provedores? Alicerces? Ou são homens “escrotos”? Machistas? A masculinidade é uma palavra muito “feia”? Ao conceber esses conflitos, a presente pesquisa suscita uma questão: de que forma esses homens interpostos por demandas internas de “ter que” para se constituírem como sujeitos masculinos se posicionam em relação a esses conflitos? Da qual decorre esta: onde se funda o desejo?

É possível que a questão catalizadora das reflexões suscitadas nesse trabalho se concentre na indefinição: mais que concepções, constatam-se as dúvidas destes homens, o desejo de compreender o que as mulheres consentem sobre eles, além do desejo de administrarem a subjetividade masculina a partir, justamente, das demandas sociais.

Por fim, espera-se que os resultados identificados possam contribuir com o campo da educação sexual e com os estudos que visam a estabelecer as relações entre a cultura e a sexualidade, além de reiterar a importância do conhecimento produzido pela teoria psicanalítica como recurso de leitura dos fenômenos sociais e psicológicos.

REFERÊNCIAS

- Ambra, P. E. S. (2013). *A noção do homem em Lacan: uma leitura das fórmulas da sexuação a partir da história da masculinidade no Ocidente* (Dissertação de mestrado), Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. (2015). Comissão Parlamentar de Inquérito constituída pelo Ato nº 56, de 2014, Volume 125, Número 67.
- Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior-Andifes. (2018) *V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018*. Recuperado de: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>
- Bandeira, L. M. (2017). Trotes, assédios e violência sexual nos campi universitários no brasil. *Gênero*, Niterói, 17(2), p. 49 – 79. Recuperado de: <https://pdfs.semanticscholar.org/e4ba/2b6617318638db84ff267fcd102d33536fa0.pdf>
- Bardin, L. (2000). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Birman, J. (2018). Sexualidade na contemporaneidade. *Cad. Psicanál. (CPRJ)*, 40(38). Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952018000100009&lng=pt&nrm=iso.
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Chauí, M. (2001). *Escritos sobre a universidade*. São Paulo: editora UNESP.
- Coelho, B.A. (2013). A feminilidade como uma posição de sujeito: uma abordagem lacaniana. *Psicologia USP*, 24(1). Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/pusp/v24n1/v24n1a06.pdf>.

- Connell, R.W., & Messerschmidt, J.W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, (21)1. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v21n1/14.pdf>.
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988* (1998). (18a ed.). São Paulo: Saraiva. constituída pelo Ato nº 56, de 2014, Volume 125, Número 67.
- Cossi, R.K., & Dunker, C.I.L. (2017). A Diferença Sexual de Butler a Lacan: Gênero, Espécie e Família. *Psic.: Teor. e Pesq.* (33), 3344. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722017000100404&lng=en&nrm=iso.
- Dayrell, J. (2009). A escola “faz” as Juventudes? Reflexões em torno da socialização Juvenil. *Educ. Soc. Campinas*, 28(100), p. 1105-1128. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?lang=pt&format=pdf>
- Declaração Universal dos Direitos Humanos*. UNIC/Rio/005, janeiro de 2009. Recuperado de <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>
- Decreto n. 4.377 de 13 de setembro de 2002*. (1979). Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher. Brasília: Presidência da República. *Educ. Soc. Campinas*, (28)100. Recuperado de: <http://www.cedes.unicamp.br>.
- Erikson, E. (1976). *Identidade, juventude e crise*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Ferreira, A.B.H. (2010). *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. (8a ed.). Curitiba: Positivo.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). (2020, abril). *Nota Técnica: Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19*. <https://forumseguranca.org.br/wpcontent/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-v3.pdf>.

- Freud, S. (2010). A feminilidade. In: FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos: (1930-1936)*. (P.C de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010). O Inconsciente (1915). In Freud, S. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (P. C Souza, Trad). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011) *O mal-estar na civilização*. (1a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925). In: Freud, Sigmund. *O Eu e o Id “autobiografia” e outros textos (1923- 1925)*. (P.C de Souza, trad). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2017). *Fundamentos da clínica psicanalítica: obras incompletas de Sigmund Freud*. (1a ed.), (Claudia Dombusch, Trad.). Belo horizonte: autêntica editora.
- Giddens, A. (2007). *Sociologia*. (6a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gil, A.C. (2014) *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6a ed.). São Paulo: Atlas.
- Hirata, H. et al. (Org.). (2009). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP.
- Instituto Avon; Data Popular (2015). *Violência contra a mulher no ambiente universitário*. Recuperado de:
http://www.ouvidoria.ufscar.br/arquivos/PesquisaInstitutoAvon_V9_FINAL_Bx20151.pdf
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada & Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2009). *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Jorge Abrahão de Castro, Luseni Maria C. de Aquino, Carla Coelho de Andrade. (Org). Brasília: Ipea. Recuperado de:
<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep. (2019) *Censo*

- da Educação Superior: notas estatísticas. Recuperado de:
https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Notas_Estatisticas_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf
- Kehl, M.R. (2007). A juventude como sintoma da cultura. *Outro olhar: revista de debates mandato vereador Arnaldo godoy (PT)*. 5(6). Belo Horizonte.
- Koehler, S. M. F. (2013). Juventude, juventudes e violência: caos e esperança In: Pessini, L; Zacharias, R. (Org). *Ética teológica e juventudes*. São Paulo: Editora santuário.
- Kupers, T.A. (2005). *Toxic Masculinity as a Barrier to Mental Health Treatment in Prison*. *Journal of clinical psychology*, 61(6), 713–724.
- Lacan, J. (1998). O estágio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Comunicação feita em 1949).
- Laplanche, J. (1993). *A tina: a transferência da transferência*. São Paulo: Martins fontes.
- Laplanche, J. (2015a). O gênero, o sexo e o sexual. In: Laplanche, J, *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006* (p. 154-189). Porto Alegre, RS: Dublinense. Trabalho original publicado em 2003.
- Laplanche, J., & Pontalis. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. (4a ed.) (P. Tamen, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013*. (2013). Estatuto da Juventude: atos internacionais e normas correlatas. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas.
- Leite, I., (Diretor), & Castro, L. (Diretora). (2019). *O silêncio dos Homens* [online]. PapodeHomem e Instituto PdH.
- Maito, D.C; Panúncio-pinto, M.P; Severi, F.C; Vieira, E.M. (2019). *Construção de diretrizes para orientar ações institucionais em casos de violência de gênero na universidade*. Interface (Botucatu).

- Ministério da Saúde. Banco de dados do Sistema Único de Saúde-DATASUS, Sistema de Informações de Mortalidade do Sistema Único de Saúde (SIM/SUS). Recuperado de: <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=060701#:~:text=O%20Sistema%20de%20Informa%C3%A7%C3%B5es%20sobre,de%20gest%C3%A3o%20na%20sa%C3%BAde%20p%C3%ABlica>.
- Molinier, P.; & Welzer-lang, (2009) Daniel. In: Hirata, H. et al. (org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP.
- Monteiro, M. (2013). Masculinidades em revista: 1960-1990. In M. Priore. *História dos homens no Brasil*. São Paulo: editora UNESP.
- Oliveira, J. M. D; Mott, L. (2020). *Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia*. (1. ed.). Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia.
- Oliveira, P.P. (2004). *A construção social da masculinidade*. – Belo Horizonte: editora UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 347 p.
- Organización Panamericana de la Salud. (2019). *Masculinidades y salud en la Región de las Américas. Resumen*. Washington, D.C.: OPS; 2019.
- Papalia, D.E.; Feldman, R.D (Colab.). (2013). *Desenvolvimento Humano*. 12ª ed. Porto Alegre: AMGH Editora.
- Partible, V., (Produtor) & Hartman, B. (Diretor). (1997). Johnny Bravo [série de animação]. Estados Unidos: Hanna-Barbera Studios e Cartoon Network Studios.
- Peralva, A. (2007). O jovem como modelo cultural. In *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPed, (Coleção Educação para Todos; 16).
- Pochmann, M. (2004). Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In Novaes, R.; & Vannuchi, P (orgs). *Juventude e Sociedade: trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: editora Fundação Perseu Abramo. Instituto cidadania.
- Prioste, C. (2016). *O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual*. São

- Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp.
- Prioste, C.D. (2006). *Diversidade e adversidades na escola: queixas de professores frente à educação inclusiva*. (Dissertação de Mestrado) Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Rosa, M. Ser um homem segundo a tradição? (2008). *Fractal: Revista de Psicologia*, 20(2). Belo Horizonte – MG.
- Roudinesco, E. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Sampaio, R.S. Garcia, C.A. (2010). Dissecando a masculinidade na encruzilhada entre a psicanálise e os estudos de gênero. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, 16 (1). Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-1168201000010000.
- Sculos, B. W. (2017) "Who's Afraid of 'Toxic Masculinity'?" *Class, Race and Corporate Power*: (5)3, Article 6. Recuperado em: <http://digitalcommons.fiu.edu/classracecorporatepower/vol5/iss3/6>
- Silva, A.M.C. Prioste, C.D. (2021) Masculinidades e Psicanálise: uma Revisão de Literatura. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. (11)06. Recuperado de: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/masculinidades-e-psicanalise>.
- Silva, F.C.F.; & Macedo, M.M.K. A Escuta do Masculino na Clínica Psicanalítica Contemporânea: Singularidades de um Padecer. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28 (2). Recuperado de: <https://www.scielo.br/ptp/v28n2/09.pdf>.
- Silva, S.G. (2006). A crise da Masculinidade: Uma Crítica à Identidade de Gênero e à Literatura Masculinista. *Psicologia ciência e profissão*, 2006, 26 (1), 118-131.
- Vasconcelos, A.M.N. Juventude e ensino superior no brasil. (2016). In Dwyer, T, *Jovens universitários em um mundo em transformação: uma pesquisa sino-brasileira*. Brasília: Ipea; Pequim: SSAP.

Welzer-lang, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. (2001).

Rev. Estud. Fem. vol.9, n.2, pp.460-482, 2001. Recuperado de:

<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>.

Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. (3a ed.). Porto Alegre:

Brookman.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“Concepções de masculinidades em um grupo de jovens universitários”**, do programa de **Pós-Graduação de Educação Sexual**, com orientação da Profa. Dra. Cláudia Prioste. O objetivo deste trabalho é identificar as concepções de masculinidades e analisar como tais concepções podem interferir em seus relacionamentos intersubjetivos.

Esse convite está sendo dirigido a você devido a sua participação no grupo de jovens universitários, moradores de repúblicas, que se uniram para refletir sobre posicionamentos masculinos tóxicos, no entanto, sua participação na pesquisa não é obrigatória. A participação irá ocorrer em grupos focais e, caso necessário, em uma entrevista individual. O registro será realizado em áudio e a identidade dos participantes será mantida em sigilo e confidencialidade, ou seja, seu nome será codificado para não ter risco de ser identificado. As informações obtidas serão utilizadas unicamente com fins científicos.

Os riscos da sua participação nesse estudo consistem em um possível desconforto ou constrangimento decorrente da temática da masculinidade. Não há benefícios diretos da pesquisa, porém com sua participação, você poderá contribuir para elaboração de parâmetros teóricos sobre o bem-estar e a saúde das relações intersubjetivas entre universitários.

Você receberá uma via deste termo e, se desejar, será informado sobre os resultados dessa pesquisa.

A sua participação como voluntário terá a duração de até 3 horas em cada grupo focal, que será dividido em três encontros.

Você não terá despesas ao participar desse estudo. Terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa, total ou parcialmente, ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo. Você receberá uma via deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível para contato pelo e- mail: alessandrind@hotmail.com. Você também poderá entrar em contato com a orientadora da pesquisa pelo email: claudiaprioste@gmail.com; e com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências e Letras Câmpus de Araraquara da UNESP, na Rodovia Araraquara Jaú, Km 01 – s/n, Bairro: Campos Ville, 14800-903 – Araraquara, SP, telefone (16) 3301-4657 e e-mail: [comitedeetica@fclar.unesp.b](mailto:comitedeetica@fclar.unesp.br)

Nome e assinatura do pesquisador

Eu _____ RG: _____,
residente à _____ email: _____
Telefone () _____

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. **O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara- UNESP, localizada à Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP: 14800-901 – Araraquara – SP – Fone: (16) 3334-6263 – endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br.**

Araraquara, _____, ____.

Assinatura do participante da pesquisa

APÊNDICE B – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL

ROTEIRO: GRUPO FOCAL

O presente roteiro tem o intuito de ser um guia para o pesquisador, no momento da condução do grupo. No entanto, como se trata de grupo focal, outros elementos da dinâmica grupal podem modificar a condução previamente estabelecida. Trata-se de uma perspectiva heurística de pesquisa, na qual a investigação está aberta às hipóteses que possam emergir no contexto empírico.

Proposta ao grupo:

Meu nome é Alessandra Maria Cardosos da Silva, sou psicóloga e pesquisadora. Fui convidada para acompanhar alguns encontros do grupo e gostaria de lhes convidar a participar de um grupo focal que faz parte da coleta de dados da pesquisa: “*Concepções de masculinidades em um grupo de jovens universitários: aspectos familiares, estudantis e midiáticos*”, que integra o Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp / Araraquara, curso de mestrado profissional. O projeto está inserido na linha de pesquisa “sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade”, sob orientação da Prof^a. Dr^a Cláudia Dias Prioste. Esta linha de pesquisa tem por objetivo investigar questões históricas e sócio antropológicas da sexualidade e da educação sexual. O estudo visa identificar as concepções de masculinidades e analisar como estas concepções podem interferir em seus relacionamentos intersubjetivos.

O grupo será esclarecido sobre os tópicos do consentimento livre-esclarecido que deverá ser lido e assinado por aqueles que concordarem participar.

Lembrando que:

- a) vocês são livres para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhes ocasionem constrangimento de qualquer natureza;
- b) vocês poderão deixar de participar da pesquisa e não precisam apresentar justificativas para isso e não serão penalizados;
- c) suas identidades serão mantidas em sigilo; não haverá divulgação da cidade nem dos locais onde serão coletadas as informações.

- d) vocês poderão ser informados de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.

O grupo focal tem o objetivo de estimular reflexões e promover um debate sobre as concepções de masculinidades e de como elas interferem nos relacionamentos intersubjetivos.

Os encontros ocorrerão da seguinte forma: em horários e locais determinados pelos participantes; três encontros com duração aproximada de 1 hora, podendo se estender até 3 horas.

Durante os três encontros do grupo focal, você vai se deparar com questionamentos sobre suas concepções em relação a masculinidade, considerando os diversos aspectos presentes na formação destas concepções.

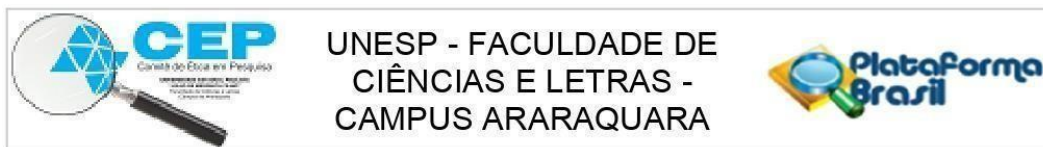
Vocês deverão responder aos questionamentos de acordo com forma de pensar de cada um, e não como acha que deveria ser. Lembrem-se: não há respostas corretas ou erradas – queremos saber o que você pensa sobre a temática.

QUESTÕES NORTEADORAS

- Quais as concepções e referências do “ser homem” para você?
- Você consegue identificar formas de sofrimento na sua experiência em relação às concepções de masculinidade? Se sim, quais?
- Quais instituições você considera formadoras das concepções que você tem sobre masculinidade?
- Como essas concepções de masculinidades interferem nas suas escolhas pessoais, na sociabilidade e nos relacionamentos amorosos?

ANEXOS

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONCEPÇÕES DE MASCULINIDADES EM UM GRUPO DE JOVENS

Pesquisador: Alessandra Maria Cardoso da Silva

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 23779219.5.0000.5400

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus Araraquara

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.851.552

Apresentação do Projeto:

Como exposto no parecer anterior, o projeto é bem elaborado e apresenta temática bastante relevante para o contexto universitário

Objetivo da Pesquisa:

Foram seguidas as sugestões desse comitê.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

São anunciadas e foram seguidas as sugestões desse comitê.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é de extrema relevância e foram realizados os ajustes solicitados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram realizados os ajustes necessários.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências e inadequações de acordo com as exigências desse comitê.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da FCLAr/Unesp, reunido em 20/02/2020, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto. O relatório final deverá ser entregue até 06 (seis) meses após a data de finalização da pesquisa, conforme projeção do cronograma constante do projeto aprovado.

Endereço: Rod. Araraquara- Jaú Km1

Bairro: CENTRO

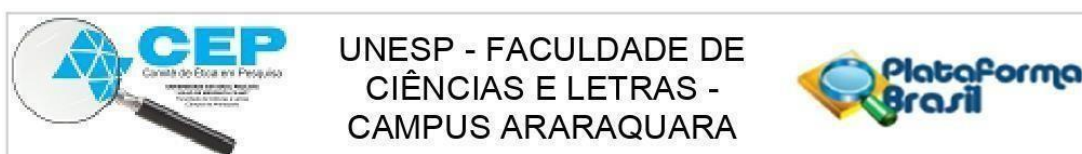
UF: SP

Município: ARARAQUARA

Telefone: (16)3334-6124

CEP: 14.800-901

E-mail: comitedeetica@fclar.unesp.br



Continuação do Parecer: 3.851.552

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1446128.pdf	12/02/2020 02:40:34		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_alessandra.docx	12/02/2020 02:39:59	Alessandra Maria Cardoso da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_alessandra_11_12_2020.docx	12/02/2020 02:39:03	Alessandra Maria Cardoso da Silva	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	07/10/2019 09:56:50	Alessandra Maria Cardoso da Silva	Aceito
Outros	roteiro_grupo_focal.docx	02/10/2019 12:01:11	Alessandra Maria Cardoso da Silva	Aceito
Cronograma	cronograma.docx	02/10/2019 12:00:22	Alessandra Maria Cardoso da Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARARAQUARA, 20 de Fevereiro de 2020

Assinado por:
ROSANGELA SANCHES DA SILVEIRA
(Coordenador(a))

Endereço: Rod. Araraquara- Jaú Km1

Bairro: CENTRO

CEP: 14.800-901

UF: SP

Município: ARARAQUARA

Telefone: (16)3334-6124

E-mail: comitedeetica@fclar.unesp.br